



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)

MARIANA ALONSO LÓPEZ-LÓPEZ

**APRENDER PELA PELE: O GESTO INFANTIL NA
EXPERIÊNCIA VIVA COMO CAMINHO DE FORMAÇÃO,
ABERTURA E SENSIBILIDADE**

RIO DE JANEIRO

2021



MARIANA ALONSO LÓPEZ-LÓPEZ

**APRENDER PELA PELE: O GESTO INFANTIL NA
EXPERIÊNCIA VIVA COMO CAMINHO DE FORMAÇÃO,
ABERTURA E SENSIBILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Léa Velocina Vargas Tiriba

RIO DE JANEIRO

2021

MARIANA ALONSO LÓPEZ-LÓPEZ

**APRENDER PELA PELE: O GESTO INFANTIL NA
EXPERIÊNCIA VIVA COMO CAMINHO DE FORMAÇÃO,
ABERTURA E SENSIBILIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof^a. Dr^a Léa Velocina Vargas Tiriba

Orientadora – UNIRIO

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Carmen Diolinda da Silva Sanches Sampaio – UNIRIO

Prof^a Dr^a Mairce da Silva Araújo – UERJ

Adriane Ogêda Guedes – UNIRIO

Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer – CPII

Tiago Ribeiro da Silva – UFRJ/UNR, Argentina

Pegadas – Por Rosy Rosalina Scapin

Caminho
e pelo caminho
vou me deixando
Palavras , gestos, sorrisos
conselhos, oportunas perguntas,
afirmações contundentes

e... principalmente, atenção
Atenção a toda ocasião
que permita
Ouvir, sentir, refletir, oferecer
e segurar, apoiar
dar a mão

Vou dando de mim:
pedaços do meu pensar
pedaços de meu sentir
pedaços de meu estar
pedaços...

Pedaços que não subtraem
Somam, acrescentam...
Mais parecem semeados
E vão deixando por aí,
como marcas estampadas,
minhas pegadas!

Fevereiro/2015

Dedico esta dissertação à querida amiga Rosy Rosalina Scapin (in memoriam), por me ensinar que o encanto nasce atrelado à lealdade e às nossas paixões. Gratidão por incentivar meus projetos de vida, pelas histórias que compartilhamos em nossos encontros no jardim, em volta da mesa de café e olhando a montanha de dentro do marco da janela gigante desenhada em seu quarto. Com você plantei à quatro mãos sementes de poesia, criatividade, amizade, confiança e principalmente esperança na educação que podemos realizar. Essas sementes brotam em muitas partes de mim e agora também nessas linhas...

AGRADEÇO POR ESSE MAR DE NÓS QUE ME INSPIRA A SEGUIR:

Agradeço às forças de um universo cheio de vida, por se movimentarem e me permitirem chegar até aqui e convergir com a UNIRIO em tempo, reflexão e amadurecimento.

Aos meus pais, por me trazerem ao mundo onde pude viver todas essas experiências. Aos meus irmãos e companheiros de jornada: Elisa, Rafael e especialmente à você Julia, pelo apoio incondicional.

À todas as amigadas e amores que me habitam, porque sem vocês eu jamais teria descoberto a metade das coisas que sei sobre mim e essas linhas com certeza não teriam a força de um rio coletivo de afeto, sensações e crescimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – por tornar esse Mestrado possível em termos financeiros, fazendo com que fosse maior o tempo de dedicação e mais tranquilo o realizar dessa travessia.

À esta banca tão sensível: Adrianne, Carmen, Katia, Mairce e Tiago. Vocês me ajudaram a entender melhor como escrever com o corpo e a alma para além da formalidade, me incentivando a experimentar o avesso, o mundo visto de ponta-cabeça e a correr os riscos de enfrentar as ondas que compõem o mar de mim.

À Lea Tiriba, minha orientadora, por abrir a primeira porta de passagem para que meus pés no chão do mundo encontrassem outra vez a universidade. Somos o imprevisto desse encontro, mas também a força de quem escolhe o caminho menos percorrido.

À Michelle Dantas e Edilaine Oliveira pela paciência para responder às minhas perguntas e questionamentos. Quando por muitas vezes me senti estrangeira em meu próprio corpo, vocês me firmaram para que eu pudesse enfrentar os “caixotes” das ondas que me jogavam na areia.

À Raianne Bernardo e Ana Lúcia Rodrigues da Silva, por compartilharem boa parte do caminho, pelas produções coletivas com uma energia mais iluminada e pela escuta em tempos de sol, mas também de trovoadas!! Gratidão meninas!

Ao grupo de estudos GiTaKa, pelo acolhimento, pelo sustento das trocas e a abertura do olhar.

À professora Jussandra Cristina de Almeida pelas experiências junto às crianças e por sonhar comigo.

Aos poetas que não me deixaram naufragar. À poesia dos livros, da vida, dos seres de carne e osso e daqueles sentidos de outras formas. À poesia da natureza, da amizade, do amor, da dor, da impermanência e do afeto.

A todas as crianças que cruzaram a minha vida, me fazendo perceber a importância de seus gestos para meu próprio autoconhecimento e despertar! Talvez agora, graças a vocês, eu seja mais capaz de olhar a infância com um respeito maior aos seus desejos e movimentos. Obrigada por cada marca que deixaram na minha pele!

A todas as professoras que participaram dessa pesquisa. Pelos braços e corações abertos, pelo aprendizado, pelas experiências compartilhadas e por serem a força que me faltava para atravessar esse marmestrado.

A todas as mães que gentilmente cederam a imagem de seus filhos para ilustrar essa dissertação com boniteza, sutileza e encanto.

Ao GT Mureta, parte leve desse caminhar pela academia. Somos muitas gerações e histórias de vida diferentes ao redor da mesma mesa, sentados sobre a mesma mureta, da onde é possível ver o sol se pôr e o encontro das diferenças acontecer em paz. Essa esperança de uma educação para todos nos faz existir e fico muito feliz por isso!

A todas as pessoas que acreditam em uma educação mais humana, na qual o corpo possa ser inteiro entre o que podemos tocar e apenas sentir. Aos que acreditam na importância da palavra sensibilidade, fazendo a diferença na formação de educadores e no viver da infância. E àquelxs que resistem a cada dia, porque conhecem e se reconhecem na potência que existe em cada um de nós, para jogar os remos no mar e esperar entre as ondas.

A todos os corpos marcados por suas experiências de vida. Que a história contada pela pele que te envolve, nunca apague sua vontade de viver, o valor de sua trajetória e o acreditar na força transformadora das marés de água e sal e das que acontecem no mar de nós.



SUMÁRIO:

RESUMO	09
APRENDER PELA PELE	12
O INÍCIO À DERIVA	14
AS CRIANÇAS NA MINHA PELE	23
Pés no chão do mundo	23
Pés no chão da escola	32
Aprender pelo corpo	37
O gesto infantil como tecido de mudança	38
CRIANÇAS E ADULTOS PRONTO PARA SEREM CONSUMIDOS NA SOCIEDADE DO RENDIMENTO	41
A educação parida do ventre social	42
Desemparedar corpos e mentes para que o crescer seja em liberdade	44
EDUCAR PARA O ENCANTO	49
O corpo adulto, seus desafios e possibilidades de voo	52
O que podemos aprender de frente para o mar	56
A VOZ DAS PROFESSORAS EM MIM	58
RECOMEÇOS: QUANDO OS GESTOS DAS CRIANÇAS RENOVAM O CAMIHO	68
RESPIRO NO CAIS DO PORTO ATÉ A PRÓXIMA MARÉ...	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82



Foto cedida pela
Raianne, mãe do
Álex

*No oculto do ventre,
o feto se explica como o Homem:
em si mesmo enrolado
para caber no que ainda vai ser.
Corpo ansiando ser barco,
água sonhando dormir,
colo em si mesmo encontrado.
Na espiral do afeto,
o novelo do afecto
ensaia seu primeiro infinito.*

(Mia Couto, Espiral, Tradutor de Chuvas, 2011)

RESUMO:

LÓPEZ-LÓPEZ, Mariana Alonso. **Aprender pela pele:** o gesto infantil na experiência viva como caminho de formação, abertura e sensibilidade. 2021. 86 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Esta pesquisa tem como foco a experiência e traz a temática do gesto infantil, a partir das narrativas de educadoras em seus encontros com crianças dentro e fora de instituições escolares. Nossos corpos docentes se encontraram para falar das memórias gravadas pelas crianças em nossas peles. Sim, somos corpos adultos que se deixam afetar, em um mover que vai muito além do ato de educar. A educação pela lente do sensível, nos faz enxergar mais que professores e alunos, e sim, um encontro de corpos, das emoções que transbordam deles, toques de pele e experiências que muitas vezes nos fazem sentir abismos sob nossos pés. Em um diálogo que se apoia em autores como Miguel Arroyo, Jorge Larrosa e David Le Breton, atravessamos um mar de experiências vivas. Apresento aqui o olhar e o sentir adulto diante do imprevisível universo infantil. Esse estudo percorre as marcas que esses corpos vão ganhando em sua pele, diante da expressão desses pequenos corpos capazes de nos tocar com sua pureza, curiosidade e imaginação. Quando as imagens socialmente impostas de obediência são quebradas, a criança ganha o lugar de sujeito, ser que está sim em desenvolvimento, mas que também deve ser reconhecido como alguém com quem se pode aprender. O cuidado com a grandeza dos desejos e das expressões corporais de uma criança se faz urgente. O gesto infantil é o passaporte dessa viagem para percorrer caminhos de respeito aos saberes da infância, em busca de uma educação em que grandes e pequenos corpos dialoguem com mais sensibilidade na escuta e no olhar. Quantas línguas as crianças podem nos ensinar a falar? A educação que recebemos e praticamos está em nossas sensações corporais diárias. Nessas linhas, o gesto espontâneo das crianças é esse inesperado, capaz de sensibilizar corpos adultos educados para o mecânico ensinar, trazendo suas vivências para o território do sensível. As narrativas vão sendo tecidas como se cada memória conduzisse um fio. Esses fios se encontram e uma rede se forma. Nessa rede são projetadas imagens. Dessas imagens-memórias, se revelam as marcas deixadas pelos encontros. Pelos encontros, os poros se tornam mais abertos para receber o gesto da criança. E dessa abertura, o espanto trazido pela descoberta da potência para transformar as práticas educativas em jornadas de aprendizagens mais poéticas, nas quais o acolher abraça mais forte que o desgastante controlar.

Palavras-chave: gesto infantil; experiência; corpo sensível; educação; encanto.

RESUMEN:

LÓPEZ-LÓPEZ, Mariana Alonso. **Aprender por la piel: el gesto infantil en la experiencia viva como camino de formación, apertura y sensibilidad.** 2021. 86p. Dissertación de Maestría (Maestría en Educación) – Centro de Ciencias Humanas y Sociales, Universidad Federal del Estado de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Esta investigación nos trae el tema del gesto infantil, a partir de las narrativas de educadoras en sus encuentros con los niños dentro y fuera de las instituciones escolares. Nuestros cuerpos se reunieron para hablar sobre los recuerdos registrados por los niños en nuestra piel. Sí, somos cuerpos adultos capaces de afectarse, en un movimiento que va mucho más allá del acto de educar. La educación a través de la lente de la sensibilidad nos hace ver más que profesores y estudiantes, y sí, un encuentro de cuerpos, de las emociones que se desbordan de ellos, toques de piel y experiencias que a menudo nos hacen tener sensación de abismo bajo nuestros pies. En un diálogo que se basa en autores como Miguel Arroyo, Jorge Larrosa y David Le Breton, pasamos por un mar de experiencias vivas. Presento aquí la mirada y el sentimiento adulto frente al universo impredecible de los niños. Este estudio analiza las marcas que estos cuerpos van ganando en su piel, ante la expresión de estos pequeños cuerpos capaces de tocarnos con su pureza, curiosidad e imaginación. Cuando se rompen las imágenes socialmente impuestas de obediencia, el niño gana el lugar de sujeto, ser que está en desarrollo, pero que también debe ser reconocido como alguien con quien uno puede aprender. Es urgente cuidar la grandeza de los deseos y expresiones corporales de un niño. El gesto infantil es el pasaporte de este viaje para recorrer caminos de respeto al conocimiento de la infancia, en la búsqueda de una educación donde cuerpos grandes y pequeños dialoguen con más sensibilidad en la escucha y en la mirada. ¿Cuántas lenguas pueden enseñarnos los niños a hablar? La educación que recibimos y practicamos está en nuestras sensaciones corporales diarias. En estas líneas, el gesto espontáneo de los niños es este inesperado, capaz de sensibilizar cuerpos adultos educados para enseñar, llevando sus experiencias al territorio de lo sensible. Las narrativas se van tejiendo como si cada recuerdo llevara un hilo. Estos hilos se encuentran y forman una red, en la cual se proyectan imágenes. Estas imágenes-recuerdos revelan las marcas dejadas por los encuentros. De estos encuentros, los poros se vuelven más abiertos para recibir el gesto infantil. Y a partir de esta apertura, se produce el asombro al constatar la capacidad de transformar las prácticas educativas en jornadas de aprendizajes más poéticas, en las que la acogida abraza más fuerte que el agotador controlar.

Palabras clave: gesto infantil; experiencia; cuerpo sensible; educación; encanto.



Registro de uma ida à praia com as crianças – Foto cedida pela Vivianne, mãe da Maria Luiza

“A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer, gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mão de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos.”

(LARROSA, 2019, p.10)

APRENDER PELA PELE

“A pele é em primeiro lugar, e por toda a vida, o órgão primeiro da comunicação” (LE BRETON, 2016, p.220). Algo fora de nós se movimenta e nosso corpo reage por dentro, sensações que percorrem uma pele que arrepia, se corta, sente as texturas, o vento, o calor em suor e o frio nas cores vermelha e roxa. Essa mesma pele seca, racha, sente dor, abre, fecha, cicatriza... Seja lá como a pele sofra o impacto da vida correndo pela sua superfície e invadindo esse tecido-fronteira entre nosso corpo e o mundo, ela nunca perde a sua capacidade de se renovar. Cada impacto gera uma experiência, que com a ajuda de Larrosa, consigo colocar em palavras que me fazem realmente reconhecê-la (experiência) como “algo que nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos derruba e nos transforma” (2019, p.99). Foram as crianças as primeiras a me trazer essa sensação que percorreu todo meu corpo eriçando minha pele, “um certo tipo de linguagem que nos ensina a olhar, a sentir, que nos torna atentos” (LARROSA, 2019, p.120).

Aprender através do que nos toca a pele, nos atravessa e nos marca para sempre. Essas memórias do vivido no corpo são os aprendizados que não precisamos de esforço para decorar como máquinas. Pelo contrário. É uma lembrança que simplesmente existe porque se tornou parte de nós. Nossa pele é “tatuada” por nossas vivências em lugares onde somente nós podemos acessar. O outro é fundamental para que possamos entender nosso próprio mundo. Mas, independentemente da relação, cada um só é capaz de desenhar seu próprio corpo. É a vida interdependente tecendo individualidades.

Só posso falar dos aprendizados da minha pele. Mas acredito que é por essa via que mais aprendemos. Demorei bastante tempo para enxergar que meus aprendizados mais significativos habitavam minha pele. Meus encontros com as crianças fizeram meu corpo falar para além de uma cabeça que pensa. Um arrepio, um coração acelerado, uma paralisia devido à falta de resposta para suas perguntas, um emoção que não pude conter... Elas me mostraram que em meu corpo havia muitas portas de entrada: poros, olhos, pelos, pele...pontes de contato que promovem um amadurecer pelos toques do mundo. Depois percebi que também pode acontecer entre adultos, mas as crianças é que me fizeram sentir tudo isso pela primeira vez.

Talvez o caminho para descobrir a força para saltar os muros de uma educação da razão, que ignora todo um sentir que não aparece nas avaliações, seja longo mesmo. Sou também fruto de uma educação para o encaixe e reprodução de um modelo que nos trata

como meras peças esculpidas para caber em um sistema educacional, que nos levará pelas mãos até nossos postos de trabalho. Um sistema que nos ocupa para que não sobre tempo para conhecer nossa potência, nos ensinando a esgotar nossa energia para o mover mecânico de uma engrenagem que repete o mesmo movimento há anos. Nossos cérebros são programados para pensar que esse é o caminho certo, que nosso tempo deve ser usado para produzir e competir com os demais. E se não despertamos a tempo, podemos nunca descobrir nossa capacidade de criar o encanto, em meio à pressão de um caos normalizado e etiquetado como o caminho do sucesso. O gesto infantil é como esse alarme que ressoa e ressoa, na esperança de nos contar sobre nossa capacidade de trazer o sensível para nossas práticas.

A pergunta que somos obrigados a nos fazer desde os cursos de formação é se as formas de representar a infância-adolescência populares, os imaginários ainda dominantes na teoria pedagógica e didática dão conta de ver o humano que esses corpos comunicam e expõem ou se essas representações nos bloqueiam (ARROYO, 2012, p.31).

O agora nos desafia a deixar nossos corpos disponíveis para acolher o que vem, sem as amarras das imagens que construímos sobre as crianças. A proposta é deixar o corpo aberto para se surpreender com os conhecimentos da infância, ao invés de esperar que as crianças se comportem como um produto pronto para ser consumido. Aceitar só o que se espera, o que fomos treinados para lidar, o previsível obediente e sólido, também é nos limitar ao que esperam de nós enquanto educadores. O convite é para refletir sobre o quanto esse se moldar ao mundo traz a perda de si. E o quanto podemos descobrir ao criar caminhos outros, para aprender, saber... mas também para nos deixar acontecer.

Uma imagem congelada no tempo, trabalha na direção do encaixe, de um resultado conhecido. Mas se pudermos ter espaço para nos experimentar, muito do que é visto como desobediência, pode ser apenas o movimento de corpos em busca de sua expressão em liberdade. Corpos negando a contenção de sua potência, apenas para caber nos moldes de referência. Será mesmo que existe um caminho certo? Ou a educação pode ser esse descobrir infinito, com menos embates e mais encanto?

A tradição e a repetição nos distanciam uns dos outros e por fim, depois de tanto repetir, nossos comportamentos aprendidos acabam por nos afastar de nós mesmos. A imitação mata a nossa potência para estar de forma singular na vida, com propriedade para nos olhar no espelho e enfrentar nossos corpos inteiros, entendendo que somos ciclos

de impermanências corporais. Se crescemos próximos à nossa natureza, nossos olhos poderão nos encontrar entre as molduras e o cuidado com a história que levamos impressa em nossa pele, será mais importante que o desespero pelos retoques que ocultam o que vale a pena mostrar. A verdadeira beleza de todo caminhar está no momento em que sensibilizados, os poros da pele se abrem em aprendizagens incorporadas, entre a força e a fragilidade que nos habitam, diante do imprevisto da vida.

O INÍCIO... À DERIVA

*nós somos um sopro rápido
somos forças da natureza
lembre-se disso
e respeite e cultive
as suas águas
e também os mares
de outras pessoas
(Ryane Leão)*

Escrever é resultado de um viver, viver e viver. Sentir a vida e suas sensações milhares de vezes, antes de ser capaz de juntar as letras e ver brotar a primeira palavra. Deve ser por isso que somos observadores, cheiradores, provadores e sentidores, antes de sermos escritores e leitores. O palavrear precisa do experimentar para tentar chegar perto das sensações causadas pelo vivido. Encharcar as experiências de poesia, para que as palavras não se tornem vazias da sensibilidade capaz de fazer surgir aqueles pontos de luz, que se acendem feito vagalumes, para nos lembrar de um mundo que mesmo em meio ao caos, sabe fazer nascer das brechas de concreto o encanto.



Arquivo Pessoal

A infância é esse momento, em que espontaneamente somos esses pequenos seres, que ensinam e relembram aos seres grandes, que sempre aprendemos melhor em meio ao encanto. O gesto infantil, as crianças que me atravessaram o peito, aqueles olhos e mãos que jamais esquecerei, desenharam a palavra *sensibilidade* na minha pele. Mas, antes, precisei descascar muitas camadas engessadas, que oprimiam e escondiam esse instinto sensível que nasceu comigo e com todos nós.



Foto enviada por uma professora ao me contar sobre as marcas que as crianças deixaram em sua pele.

Todo o percurso do Mestrado foi esse relembrar do dissolver das camadas enrijecidas para que a sensibilidade pudesse brotar. Resistir aos apelos do produzir descolado dos sentidos e junto a muitas outras mãos, sutilmente, ver aos poucos a educação da norma também ser descascada, para trazer à superfície a educação da alma.

“Mestrarear” é como embarcar em um porto sem saber o destino do barco. Uma viagem por dentro de mim, acompanhada das histórias de outras pessoas. Algumas histórias me habitam em memória e outras estão ainda do lado de fora, agora, sem eu saber muito bem como me atravessarão. Todos os dias em que amanheço e a cada linha que escrevo, sou todas elas em mim.

Não é fácil pesquisar com os pés no chão do próprio íntimo, encontrar uma metodologia para falar de coisas impalpáveis (que muitas vezes não sei explicar nem pra mim) e teorizar sobre o que me espanta e aguça meus sentidos (com autores que conheço através de suas linhas sem nunca ter olhado em seus olhos). Pensar se meu possível, nesse lugar de mestranda, é capaz de dar às palavras que chegaram até mim em confiança por corpos-memória de adultos e gestos espontâneos das crianças, o lugar que eles realmente merecem e o valor que eles têm.

“O vivido singularmente no cotidiano da escola é inenarrável[...]. E isto porque é único, irrepetível, inventivo, movediço. Tudo o que podemos é deixá-los ressoar, ferir, arder. Narramos as sensações[...]”, diz Ribeiro (2019, p.108). Existem muitas sensações que se perdem quando as tentamos colocar em palavras. Sensações pelas quais também se pode aprender.

Uma pesquisa nunca é feita em total solidão. O desafio de costurar nossos fios é constante nessa “mestrada”, porque:

Ao pesquisar com o outro, também nos pesquisamos, tencionamos nossos saberes e conhecimentos, nos formamos e indagamos nesse processo. Daí que a pesquisa cujo foco é a experiência demanda abrimo-nos a “encontros diários com as contradições” – de nós mesmos, da própria pesquisa, entre o que defendemos e o que praticamos, entre nossas crenças e nossos modos de pensar e viver a investigação (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2016, p.139).

O sentir imprime memórias. E o que não vem por uma via capaz de tocar se perde. Por isso não me lembro da maior parte das coisas que estudei. Tanto tempo sem sentir o corpo pulsar em instituições educativas, talvez faça mesmo o corpo adormecer. Somos muito pouco incentivados a sentir a educação fora das paredes cognitivas, a perceber os pequenos pulsos de vida ao nosso redor, na árdua tentativa de nos despertar. A aprendizagem, com suas lições de casa, questões com respostas certas e ordens, reforçadas pelos procedimentos de poder, tais como o confinamento, vigilância, recompensa e punição, acontece em sua maior parte pela via da condução de condutas (FOUCAULT, 1984), sem dar atenção aos livres desejos dos corpos, que vão sendo ignorados, negados e por fim, silenciados.

Seguimos, na maior parte do tempo em filas, corpos anestesiados e incentivados a viver no automático, normatizado e competitivo sistema, que não nos convida a explorar nossas sensorialidades e nos priva da potência de nossa própria humanidade. “A hipertrofia da razão remeteu a um segundo plano as sensações físicas, as emoções, os afetos, os desejos, a intuição, a criação artística, dimensões e canais de expressão da experiência humana” (TIRIBA, 2018, p.244).

Esta pesquisa situa-se no campo do imprevisível (por onde se move a infância) e tem o desafio de investigar como podemos encontrar a liberdade para ser inteiros e ficar cada vez mais à vontade diante das crianças, a partir da compreensão de que existe um susto, um medo adulto do que foge ao seu controle, escancarado por esse imprevisto do universo infantil, que muitas vezes deixa nossas fragilidades expostas.

A delicadeza, a força, a honestidade dos gestos infantis e o olhar para as coisas miúdas (característico da curiosidade criancieira), nos convidam a sensibilizar nossos poros. A ingenuidade das crianças tem mil caminhos para nos devolver a pureza. A raiva de alguns gestos de criança, nos dá a possibilidade de pensar caminhos outros para acolher todo e qualquer tipo de sentimento. As vontades e desejos de um corpo-infância potente e imaginativo é capaz de metamorfosear corpos adultos. Vejo a criança como uma grande

aliada na criação de relações educativas que revelem e atravessem os seres sentipensantes¹que somos. “O sujeito da experiência não é um objetivador ou coisificador, e sim, um sujeito aberto que se deixa afetar por acontecimentos” (LARROSA, 2019, p.110).

A motivação desse texto parte principalmente das experiências que vivi com as crianças como educadora física e social² em comunidades (no Brasil - Morro dos Anjos/Caxambu/Petrópolis³ e na América Latina - Bolívia/El Alto e Coroico, Peru/Cuyo Grande, Equador/Quito, El Salvador/San Rafael e Guatemala/ La Arenera, Escuintla e La Línea⁴) e em escolas da rede pública como educadora física e psicomotricista. Trago marcadas em minha pele, as fortes memórias desses encontros com as crianças e de como educadora, fui passando por profundas transformações ao ser afetada por seus gestos.

No pátio da escola, dentro da piscina nas aulas de natação, em colônias de férias ou no chão da comunidade, os gestos das crianças me fizeram entender que a infância tem olhares diferentes dos meus. Meu corpo foi surpreendido muitas vezes diante da capacidade da criança de apresentar possibilidades que eu jamais poderia pensar com meu olhar adulto. O corpo da criança fazia um movimento e eu era tocada de alguma forma pelo seu gesto, tão imprevisto e natural. Ao abrir os olhos embaixo d’água, ao perder o medo de saltar da borda para dentro da piscina, em uma quadra esportiva, brincando com uma tampinha de garrafa ou fazendo mágica com uma bola furada, as crianças em seu cotidiano me faziam sentir algo estranho ao meu mundo adulto.

Pensei que poderia ser interessante convidar outras educadoras para investigar comigo o que é isso que nos percorre diante dessas cenas protagonizadas pelas crianças em contato com o mundo que nos rodeia. O diálogo com professoras da Educação Infantil (coautoras dessa dissertação) e o contato com suas experiências, me ajudaram a entender que outras possibilidades educativas podem surgir, quando o movimento da criança tem espaço para acontecer sem tantos direcionamentos.

¹ “aquella persona que trata de combinar la mente con el corazón, para guiar la vida por el buen sendero y aguantar sus muchos tropiezos” (NETO e STRECK, 2019, p. 217 apud FALS BORDA, 2003, p. 9).

² Trabalhadores de atenção, defesa e proteção a pessoas em situação de risco e adolescentes em conflito com a lei. FONTE: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

³ONG Brasil pela Dignidade

⁴ Movimento Internacional ATD Quarto Mundo

A intenção desta dissertação também é a valorização das experiências vividas no cotidiano de comunidades e instituições de Educação Infantil, abrindo um espaço de escuta e trazendo para dentro desta pesquisa nossas histórias compartilhadas.

Sendo assim, aqui também estamos falando de uma pesquisa-narrativa, já “que tem como foco a experiência humana e trata-se de um estudo de colaboração entre pesquisador e participantes” (SAHAGOFF, 2015, p.1). Pensar narrativamente começa pela experiência, oferece um lugar à imaginação e apresenta a corporificação das histórias vividas. O corpo no processo de narrar (-se) questiona certezas enquanto descobre sobre si mesmo (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Quando reconhecemos que a experiência vivida na pele também é capaz de produzir conhecimento, abrimos espaço para uma possibilidade coletiva de desenvolvimento, tornando os espaços compartilhados por adultos e crianças, locais de descobertas e não mais um lugar de certezas.

Se conseguimos nos sentir de tal modo atravessados, incomodados, provocados, passivos no sentido de paralisados diante de nosso próprio pensar, então, possivelmente, a pesquisa está, para nós, constituindo-se em experiência (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2016, p.146).

Larrosa vê a experiência “[...]como o que compõe uma forma de vida; e o conhecimento da experiência como conhecimento corporalizado, incorporado, encarnado” (2018, p.22). Observando esses pequenos seres, percebemos que “A vida de cada um está inscrita em seu corpo, em suas atitudes, em sua forma de relacionar novas aprendizagens, em sua forma de se relacionar com outros indivíduos, consigo mesmo e com o ambiente em que se encontra” (SCHAEFER 2015, p.12).

A pesquisa narrativa implica movimentos que envolvem riscos. Primeiro movimento: mergulhar com os sentidos. Segundo movimento: virar de ponta cabeça teorias e conceitos que limitam o que precisa ser tecido. Terceiro movimento: beber de todas as fontes. Quarto movimento: narrar a vida (ALVES, 2001⁵, apud PRADO; SIMAS; SOLIGO, 2014).

⁵ ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, Inês B. Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

O campo de pesquisa, no caso da pesquisa narrativa, não é apenas um lugar onde se vai para colher dados, buscar fontes, realizar a investigação. Trata-se, antes, de um espaço-tempo onde conversas, ideias, pontos de vistas e saberes são partilhados, narrativas são produzidas. Isto significa que, ao entrar no campo, o pesquisador narrativo não encontra um “espaço limpo”, porém grávido de histórias em movimento, de vidas em seu pleno curso (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2016, p.141).

Guedes e Ribeiro mostram a força e “a importância das metodologias minúsculas, as quais possam captar as poéticas dos cotidianos, as vitalidades das histórias de vida, as riquezas das experiências vividas” (2019, p.18).

O gesto infantil é a raiz que sustenta o que brota desta pesquisa. Nesta dissertação sobre o espontâneo é preciso “[...] uma metodologia em que o instituído, atravessado pelas possibilidades de um cotidiano vivo, escapa às amarras[...]” das coisas programadas. A conversa pode ser sim, uma metodologia capaz de ver surgir essa poética dos cotidianos (RIBEIRO, SAMPAIO; SOUZA, 2016, p.24).

Uma metodologia em que o pesquisar acontece tão espontaneamente quanto o gesto infantil, cria uma sintonia entre o tema e a forma como investigo sobre ele. Os dados colhidos a partir das narrativas vêm das sensações das professoras, assim como o gesto das crianças vem também da forma como elas sentem e absorvem o mundo. Neste ponto coexistem o medo e o encanto de estar onde “não há como prever de antemão as questões que vão surgir [...]” (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2016, p. 36).

“Uma conversa reúne, pelo menos, duas fragilidades. Só a confissão da mútua fragilidade (quer dizer, do que não sabemos, do que não podemos) instala uma relação conversacional” (SKLIAR, 2018, p.12). Então, o que apresento é uma pesquisa-narrativa, na qual a metodologia da conversa vai desenhando as marcas que foram impressas na pele de mulheres que escolheram o universo infantil para acompanhar sua vontade de viver a “professoriência”.

Converso com professoras da Educação Infantil para conhecer suas vivências diante do gesto das crianças, com o objetivo de conhecer suas experiências e o impacto desses gestos espontâneos e imprevisíveis em seus corpos adultos de docentes educadoras. O intuito é que a partir de suas narrativas, possamos perceber se a escuta-sensível do gesto infantil pode ser um elemento importante na abertura de caminhos possíveis para a construção de uma relação horizontal entre adultos e crianças.

Para construir esse olhar coletivo sobre o gesto infantil, optei por utilizar um material de memórias vivas porque marcadas nos corpos dos adultos participantes. Converso com minhas memórias junto às crianças, para depois me encontrar com as memórias de outras educadoras, a partir de conversas que foram gravadas e feitas em plataforma digital (devido à Pandemia do Covid-19⁶ e as medidas de segurança exigidas por ela). A escolha dessas professoras foi aleatória, a partir da indicação de amigos também educadores. Seus nomes foram substituídos por palavras que carregam sentimentos, por uma questão de cuidado com o que compartilharam, mas também porque um corpo jamais poderia ser tocado pela infância sem ficar com as marcas e sensações da experiência vivida.

Ao longo dessas linhas vamos encontrar imagens das professoras em seu cotidiano e também fotos dos corpos dessas educadoras expressando as marcas que as



Professora e as crianças na sua pele

crianças deixaram em suas peles, tornando aparente o que antes estava apenas por dentro. Pedi que as professoras que se sentissem à vontade, escrevessem em qualquer parte de seus corpos, uma palavra que representasse o que as crianças “tatuaram” em suas peles e fotografassem. O intuito é que ao entrar em contato com essas imagens, palavra e pele movam também algum lugar dentro de quem lê esse texto, em um exercício de mover e ser movido, que não nos deixa estáticos diante da expressão do outro.

A forma como somos afetados por nossas experiências, pode dizer sobre a maneira como nos encontramos hoje com as pessoas ao nosso redor e conseqüentemente com as crianças no ambiente escolar e fora dele.

⁶[...] em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. FONTE: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>

Em uma quarta-feira, 11 de março de 2020, o diretor-geral da OMS (Organização Mundial da Saúde), Tedros Adhanom, declarou que o que até então era considerada uma epidemia, tinha a força de pandemia. FONTE: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-03/covid-19-ha-um-ano-oms-declarava-pandemia>

Muitos autores dotados de grande sensibilidade me acompanham nessa jornada pelo inesperado. Junto com Ribeiro, Sampaio e Souza (2016, p.37), vou vivendo “a possibilidade de aprender no movimento mesmo de pesquisar. [...] Trata-se, antes, de abrir horizontes de possibilidade para que possamos viver o assombro, a dúvida, o estranhamento, a indagação e o encantamento na pesquisa”. Com Miguel Arroyo (2019, 2014, 2013, 2012) entendo melhor sobre as imagens do ser criança que vão aparecendo de outras formas diante dos olhos adultos, quebrando e desafiando conceitos enraizados com suas falas corpóreas que merecem atenção, me ajudando a mergulhar mais fundo nas lembranças que ficam impressas nos corpos. David Le Breton me toca quando traz a pele como elemento de comunicação e reverberação em sua obra *Antropologia dos Sentidos* (2016), me provocando a ir atrás de outros corpos docentes para conhecer melhor sobre o que comunicam as marcas existentes em suas peles, as sensações que habitam esse lugar de pelos e tecido, que recobre sangue, substâncias químicas e energia, fluindo entre órgãos, músculos e ossos. Jorge Larrosa (2019, 2018, 2001) fala da experiência que nos faz sentir vivos e me dá coragem para acreditar que não existe saber sem o sentir do corpo, pulso a pulso. Outros autores também compõem a referência bibliográfica, por apresentarem em sua obra temas igualmente sensíveis que percorrem a infância.

“A tendência é as palavras ocuparem o lugar da experiência” - diz Montagu (1988, p.18), me contando sobre a “privação de experiências sensoriais que sofremos em nossa sociedade tecnológica”. Me reconhecendo também como parte dessa sociedade de tantos botões de respostas imediatas e automáticas, como saber sobre essa capacidade que temos de sentir? Sentir, absorver e expressar... Talvez essa dissertação seja o resultado desse movimento, uma tentativa de aprender a reverberar o que me atravessa em abertura, desconstrução e infância. Não sei até onde sou capaz de expressar o que desejo. Meu corpo não foi educado para ser livre. Foi no encontro com as crianças, que entendi que o gesto infantil é asa. De mãos dadas às crianças percebi que eu podia voar sobre os muros da reprodução e metamorfosear minha forma enquadrada. A partir daí, não parei mais de buscar as pistas de voo, onde a educação fosse capaz de fazer nascer asas ao invés de amarras.

As crianças na minha pele, traz as marcas que as crianças me deixaram, mostrando como foi surgindo a vontade de pesquisar de forma mais profunda sobre o gesto infantil. *Crianças e adultos prontos para serem consumidos na sociedade do rendimento* se constrói no encontro de corpos adultos com os corpos das crianças, trazendo um pouco

dessas imagens socialmente criadas, que são quebradas pela espontaneidade e a sensibilidade dos “pequenos” gestos. *Educar para o encanto* contrasta o encanto do universo infantil com um corpo adulto imerso em durezas e sensibilidades. *A voz das professoras em mim* é o som das vozes das educadoras, que gentilmente compartilharam suas impressões das experiências vividas com as crianças, ajudando a compor um olhar coletivo sobre o gesto das crianças e as marcas que elas nos deixam. E um pequeno pouso *Recomeços: quando os gestos das crianças renovam o caminho*, que fala sobre esse movimento corporal de crianças e adultos que tanto comunica e traz as experiências vivas e lindas (protagonizadas pelas crianças) que muitas vezes se tornam invisíveis diante da correria diária.

Conhecimento e inovação podem surgir da troca de experiências e do diálogo. Essa pesquisa ressoa com o fato de que “[...]uma investigação que não se alimente do acontecimento, da experiência, das histórias vividas e tecidas, não pode provocar deslocamentos, pois segue ratificando o mesmo, o já sabido, o já pensado [...]” (GUEDES; RIBEIRO, 2019, p.43).

Ao dizer que conhecemos algo, não levamos em conta os imprevistos da vida, do outro e das relações que vivemos. Entrei tanto em contato com o imprevisto das crianças e com o imprevisto de mim mesma, que entendi que não existe saber que não possa ser literalmente “chacoalhado” por um gesto espontâneo, mestre em nos ensinar sobre a fragilidade de uma teoria, diante do humano imerso em sua própria natureza, sem resultados exatos e formas pré-estabelecidas. Não há teoria que continue intacta após ser tocada por um gesto de uma criança.



Arquivo pessoal de viagem

Ao falar das marcas deixadas em nossa pele no encontro com as crianças, não podemos esquecer que: “A todo instante em contato com o meio ambiente, a pele ecoa os movimentos do mundo” (LE BRETON, 2016, p.208). Se a pele ecoa, devemos estar disponíveis para ouvir o que ela diz a partir do movimento dos corpos, mesmo que isso implique muitas vezes lugares de tempos suspensos, onde nos perdemos por um tempo, para aos poucos voltarmos a encontrar o caminho, “aceitar a deriva como movimento inevitável na travessia” (PRADO; SIMAS; SOLIGO, 2014, p.8).

AS CRIANÇAS NA MINHA PELE

O encontro com as crianças trouxe a inteireza que me faltava para ser uma pessoa menos fragmentada em corpo e olhar. Desconstruir partes enrijecidas, seja pela educação escolar tradicional que recebi ou pelas minhas próprias amarras, não foi um processo fácil. Aqui compartilho um pouco do caminho que me ajudou a descascar camadas e mais camadas de engessamento, me dando mais firmeza para correr os riscos de experimentar rotas que fogem à norma, pela via do sensível, do que toca, revira e transmuta.

Pés no chão do mundo

A pele guarda nossas experiências de vida sob muitas expressões. Meu corpo sentia a vida diferente entre a pobreza e a pobreza extrema. Entender esses lugares foi mais possível acompanhada das crianças.

Comecei a ter consciência do quanto minha pele podia ser marcada pelas experiências vividas, quando tive a oportunidade de fazer parte de ações sociais pelo Brasil e América Latina. Atuávamos dentro de comunidades em situação de vulnerabilidade social, realizando oficinas com crianças, adolescentes e adultos, bibliotecas de rua, rodas de conversa para trocar nossas visões sobre um tema (as quais chamávamos de universidades populares), entre outras ações.

Com os projetos sociais pude presenciar a escassez de recursos materiais, da dignidade humana e da mínima estrutura para viver. Entre a terra, o córrego e as telhas

(que em algumas casas serviam de porta), estavam as crianças. Em alguns momentos, elas pareciam seres pequenos e frágeis, a não entender muito bem o funcionar do mundo. Em outros, elas se transformavam em gigantes à saltar dificuldades, transbordando força para andar sobre o inadmissível do mundo. Seres capazes de sorrir ao brincar e subir em árvores, mesmo com tanta coisa pesada acontecendo ao seu redor.



Atividade de pintura - Guatemala

“Seus corpos são a expressão mais exposta que puxa nossa atenção profissional para sua vida precária e para assumi-la como seu viver no presente resistente” (ARROYO, 2012, p.30).

Era possível observar esse presente resistente em praticamente todas as nossas ações. Em atividades de desenho e pintura ao ar livre, eu via crianças entrarem em contato com os materiais de diferentes maneiras. Uns muito agitados, que pareciam se divertir e outros muito concentrados e conectados com o que estavam fazendo. Os primeiros acabavam rápido e logo saíam correndo pelo espaço, enquanto os últimos, se demoravam ali, como se seus corpos fossem puxados para dentro do desenho. “Quando docentes-educadores se perguntam como entender os sofrimentos que chegam nos corpos, nas vidas ameaçadas dos educandos, o recurso às Artes poderá ser um caminho” (ARROYO,2019b, p.164).

De fato, muita coisa não chega a virar palavra concreta. Por meio dos desenhos e das pinturas, as crianças encontravam sua forma de contar sobre o que sentiam. Muitas vezes, me vi convidada a habitar mundos complexos de visitar entre as cores misturadas. Aqueles pincéis e mãos pareciam deixar pegadas para eu seguir. Eu ia, mas as marcas eram feitas em uma outra linguagem, lampejos de uma infância que me marcava feito

ferro em brasa. Afeto, dor, sorriso e ar, que muitas vezes faltava, como se eu tivesse levado um soco no estômago, mas não pude chorar.

Nem sempre foi fácil encontrar um lugar para colocar esse mundo de sensações. Eu tentava escrever sobre elas em cadernos, folhas soltas e guardanapos. As paredes da minha casa-corpo, assim como as dos lugares nos quais morei, eram cheias de frases, desenhos, fotos e poemas, imagens do vivido sem conseguir se organizar. Talvez essas linhas sejam o escoar de todas as infâncias que me percorrem.



Atividade ao ar livre - La Línea/Escuintla – Guatemala

O corre-corre das crianças e seus movimentos acontecendo em uma realidade difícil de aceitar, iam aos poucos me ensinando sobre os ritmos e sobre a importância de levar uma proposta única em cada encontro, ao invés de pensar em várias atividades como costumávamos fazer. Com muitas atividades, ficamos controlando compulsivamente o tempo e não conseguimos parar para observar. Observando, comecei a pensar que os que terminavam rápido e começavam a correr, precisavam se mover e os que se demoravam, apenas precisavam de mais tempo em contato com os materiais.

Nos papéis que esvoaçavam, apareciam lugares bonitos e coloridos, emaranhados de cores e outras imagens mais difíceis de acolher, que contavam sobre o que falta e o que dói. Aprendi, entre o dançar na chuva pulando com os pés nas poças e os nós na garganta, que é melhor começar pelos pequenos movimentos, deixar o caminho se abrir sem forçar a passagem.

Adulto quer logo o comando, a solução. As crianças, apenas estão. Com elas fui aos poucos aprendendo a estar...ali...desarmada das soluções prontas...peito aberto...corpo bambo mesmo... E simplesmente estando, eu pude perceber que as crianças me guiavam para fora do buraco onde estava enterrada minha cabeça, me mostrando outros caminhos. Meus pés no início pareciam ter crescido demais para percorrê-los, mas com o tempo, me surpreendi com as infinitas versões de mim que pude conhecer através delas.

Larrosa (2018, p.23) fala “que se dar tempo (muito tempo ou um tempo lento, não sujeito ao prazo ou à pressa) é condição da possibilidade de uma concepção artesanal tanto da pesquisa quanto da educação”. Neste ponto, minha pesquisa vai ganhando forma, ela vem aos poucos, como algo costurado à mão.

Falar do que nos marca, como um menino comendo arroz cheio de mofo em um saco plástico não é fácil. A impotência de um corpo adulto diante desse universo é a primeira a aparecer. Quem me tirou muitas vezes desse lugar de anestesia foram as crianças. Em momentos assim, quando a realidade das crianças nos paralisa, fragiliza e pergunta sobre o caminho, descobri que o melhor não é procurar a saída sem elas. Sozinha é muito mais difícil.



Pipas de saco plástico - Morro dos Anjos/Caxambu - Petrópolis/RJ - Brasil

Falando sobre ritmos, eu venho de uma formação na qual ao comando do professor, todos nós deveríamos fazer o mesmo movimento. Então no início eu fiz assim, porque era a forma que eu tinha aprendido. Porém, querer colocar todas as crianças no mesmo ritmo é desgastante. Forçar a parada de corpos que desejam se mover e acelerar aqueles que não obedecem ao tempo estabelecido pelos adultos é agir contra uma natureza em desenvolvimento que me contava sobre os seus desejos, mas eu ainda não era capaz de ouvir. As duas ações são agressivas e interrompem abruptamente processos infantis. É claro que alguma organização é necessária, mas entendi que funcionava melhor quando íamos avisando sobre o fim da atividade desde que faltavam 30 minutos. Se era atividade de acabar, poderia ficar inacabada para ser terminada outro dia. Se era uma brincadeira divertida, que eles não queriam parar, a gente podia propor de brincar mais da mesma coisa em outro momento.

Por muitas vezes os fizemos terminar a atividade correndo para se adequarem ao nosso tempo. A criança não deveria ser vista como um ser cronológico, com hora para começar e acabar (BUENO, 2018). E os adultos não devem colocar fins em processos infantis, mas podem facilitar seu entendimento sobre o tempo e junto com a criança, criar um combinado de movimentos e pausas e não começos e fins.



A Biblioteca de Rua era uma de nossas ações. Nós levávamos os livros para serem lidos em algum lugar seguro na rua. Era a nossa forma de entrar em contato com o lugar onde as crianças moravam. Sentávamos para contar histórias, brincar e havia também o momento onde deixávamos os livros espalhados para eles olharem à vontade. Em alguns dias, eles escutavam as histórias curiosos e em silêncio. Em outros momentos, nós mal começávamos a contar a história e eles faziam perguntas, reagiam, conversavam com os personagens...



Biblioteca de Rua/Morro dos Anjos

Confesso que tinha alguma coisa que se movia em mim quando eles agiam assim, se misturando com a história pronta. Acho que meu corpo sentia essa vontade de retomar o controle, porque era assim que tinham me dito que era ser professora. No começo eu pedia silêncio para continuar, mas com o tempo eu entendi que esse era um cabo de guerra sem sentido. Nesse momento, eu me vi experimentando saltar algumas linhas, pegava a frase que uma criança dizia e colocava na história, e no final, íamos juntos em nossas viagens literárias. Tive que desconstruir os conceitos de certo e errado para ampliar meu olhar e abrir-me para um outro com tempos e moveres diferentes dos meus. As crianças me convidavam a habitar novos lugares, me experimentar de outras formas, me fazendo perceber que minhas verdades e o conhecimento que eu achava que tinha, eram apenas mecanismos de defesa.

Devagar, ia sendo tomada por aqueles gestos infantis e aos poucos, fui me deixando levar por suas inquietações e criações. Era divertido e bem mais leve! Quando nos separávamos em grupos para explorar os livros, passei a pedir que as crianças me contassem as histórias. Elas sempre respondiam que não sabiam ler e eu falava: - Mas o que você está vendo no desenho? E ficava surpresa com as coisas que contavam. Algumas histórias eram fantasiosas, mas outras, bem próximas do seu cotidiano.

Essas experiências me mostraram que os livros também tinham a função de conectar nossas vidas. As marcas desse tempo estão em meu corpo desenhadas com risos e muita emoção. Viver tudo isso me fez admitir que nós adultos temos que reaprender com a criança a transformar os objetos como elas fazem. Conforme vamos crescendo, nos apegamos a conceitos e nos limitamos quanto ao uso dos objetos. Um livro, podia ser muito mais que um material. Durante as Bibliotecas de Rua, ele era nosso elo, nossa ponte, ou qualquer outra coisa que permite que pessoas se conectem. Algum dia eu soube disso, mas perdi grande parte da minha imaginação em algum ponto desse “adulterar”.

As crianças reacenderam o que já estava em mim, em um lugar que eu não acessava mais. Para estar com elas em sintonia, era preciso limpar a poeira da minha gaveta interna onde estava escrito *infância*, esse momento quando ainda não é demasiado tarde e estamos disponíveis para nos deixar surpreender e encantar (COUTO, 2009). E assim, fui recuperando itens capazes de me fazerem enxergar a criança andando pelas bordas da minha própria infância e não mais desconectada dela. Não há fala de adulto que faça sentido para uma criança invisibilizada por ele. Para fazer sentido é preciso que ao falar, as palavras não sejam ordens a serem obedecidas. Para fazer sentido é preciso olhar a

criança, conscientizar-se de que ela existe, dissolver a hierarquia e então deixar que a boca fale. Toda vez que o sentido falta, procure uma criança, olhe-a nos olhos. Se ela existe, você sente. Se você sente, você se afeta. Se você se afeta, o sentido ganha corpo. Com o corpo imerso em sentidos você também não é mais um/a educador/a cumprindo ordens. Você existe como ser de suas ações. Você e a criança são, no plural. E assim, a educação é do nós. Todxs! No território de aprendizas a percorrer esse sensível e misterioso processo de (se) educar.

As crianças se mostram aos poucos. Gesto após gesto, elas iam me deixando chegar mais perto. Minha figura era estranha e ao mesmo tempo que algumas crianças logo se aproximavam curiosas, outras pareciam ter medo ou me olhar de longe meio assustadas.

Uma vez subi em um ônibus em El Salvador e uma criança junto à mãe apontou para mim e falou algo para ela. Eu passei para a parte de trás do ônibus e ela ficava virando a cabeça. Perguntei às pessoas que me acompanhavam porque ela me olhava daquele jeito e uma delas me disse: - Eles não estão acostumados a ver pessoas tão brancas como você por aqui. Acho que essa é outra forma de aprender pela pele, quando você vai entendendo o que a sua cor representa.

Maturana e Verden-Zöller (1993) falam do gesto de brincar, colocando a brincadeira como um momento vivido sem objetivos, mesmo que tenha um propósito, uma atividade espontânea que envolve o corpo e as emoções, um operar em tempo presente. Em minhas experiências, o brincar parecia ser o único momento no qual as diferenças e as dificuldades desapareciam por alguns instantes. Os sorrisos e as gargalhadas ainda ecoam em mim.



Em nossa roda, formada no início e no final das atividades, para que pudéssemos nos olhar nos olhos e marcar nosso encontro, cabiam muitas mãos e também muitas realidades.

Nunca me esqueço o dia em que perguntei o que era o machucado na orelha de uma das crianças. Ela me respondeu dizendo que era mordida de rato, porque como dormiam no chão, os ratos as mordiam. A cara dela falando isso era serena enquanto eu me partia por dentro. Esse é o tipo de vivência que atravessa a pele e a gente não esquece nunca. O tempo pode passar, mas eu me lembro como se fosse ontem. As crianças nos apresentavam sua vida dentro das comunidades sem rodeios e esses aprendizados vêm comigo aonde quer que eu vá e não tem como não influenciarem no modo como eu encontro as crianças hoje.



Caminhada do 17 de Outubro - Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza - Cidade da Guatemala

Saber de onde elas vêm, conhecer uma parte de suas histórias, fazia com que meu olhar parecesse menino. Em muitos momentos meu ser era desafiado por gestos de uma grandeza capaz de romper minhas fronteiras e se alojar em um lugar dentro de mim, que cutucava a educadora enraizada por horas em uma carteira onde não cabem os saberes infantis. Se não fossem as crianças, meu olhar seria sempre curto demais para chegar até elas.

Todos esses países da América Latina me mostraram muitas infâncias. E, ao voltar, percebi que as infâncias brasileiras nas comunidades eram mais diferentes em fisionomia que em situações cotidianas. Muita escada para subir e descer, lixo sem saber onde escoar, as crianças soltas pelas vielas segurando as rabiolas de suas pipas, seus carrinhos, suas bonecas, seus pedaços de pau fazendo rodar pneus... Casas construídas com o que deu para juntar, mutirões para acabar de levantar paredes, telhados sempre com um lugar onde a chuva conseguia passar...som alto, medo de se afastar demais da onde parecia seguro...

Ser brasileira ajuda a diminuir o tempo das aproximações aqui, no meu lugar de origem. Mas os olhares de infância se assemelham em sua latinidade. Os gestos, o desejo por atenção, o carinho e o caminho para a construção do vínculo pela via do afeto são muito parecidos. O português tem um eco maior aqui e meu espanhol será sempre “gringo”. Mas, por fim entendi, que com ou sem sotaque, a língua que falo é sempre a de um adulto e que devo ter cuidado quando me dirigir a uma criança, para não atropelar um corpo cheio de infância, que agora sei que me leva na direção do que há de melhor em mim.



Comunidade de Guatelinda- Guatemala

Eu não tinha a menor ideia de qual era a cara da miséria em lugares de pobreza extrema até ela ficar escancarada na minha frente. Muitas vezes me perguntei se conseguiria lidar com o que via. Fome, usar droga para sair da realidade por alguns instantes, vender droga para comprar o tênis da moda e perceber que ao final do mês ganha mais que a mãe (que trabalha de empregada doméstica). Meninas achando que seu corpo poderia lhe trazer benefícios, olhos de criança me contando suas versões de histórias de adulto. Violência física e armada. Um bebê natimorto enterrado no próprio quintal porque a mensagem da vida era um: “Se vira!”. Uma menina de 8 anos fugindo de casa com a irmã de 5 anos pela mão pelos maus tratos sofridos. Gente que dribla tudo isso e sustenta uma família com um salário mínimo. Eu fui aprendendo sobre as muitas

maneiras de permanecer de pé quando o básico não existe no contato com as famílias e suas crianças, meus maiores guias nesse caminhar difícil por onde o cuidado falta e os aprendizados marcam mais do que a minha pele gostaria de senti-los.

Pés no chão da escola

No chão da escola registrei alguns momentos em que as crianças atravessaram a minha pele. Então, ao encontrarem com Samuel, Rosa, Daniel, Maria, Caio, Bruna, Pedro e outros, espero que possam ouvir a voz da infância que também está aqui, entre nós.

Durante um encontro chamado Educação na Roda, onde reunimos pais, educadores com propostas mais democráticas e qualquer outra pessoa que quisesse chegar para pensar e vivenciar no coletivo o tema da educação, ouvi a seguinte frase de uma mãe:

- “Tirei o Théo da escola porque ela estava apagando meu filho”.

Nunca mais esqueci o depoimento daquela mulher, pensando caminhos possíveis para seu filho, diante de um sistema educativo sem tempo para criar um ambiente acolhedor para os “pequenos” desejos. Ao ouvi-la me questionei: como um modelo que todos os anos têm a chance de se renovar, insiste em se reproduzir ao invés de criar algo mais alinhado com a natureza da infância? Quantas crianças “apagaremos” até conseguirmos finalmente olhar para elas?

Gandhy Piorski (2016) fala do abandono da infância e do distanciamento que se foi criando da criança em detrimento do saber do adulto. Tendemos a tratar a criança como alguém a quem devemos ensinar e não como alguém com quem também podemos aprender. Adultos e crianças têm suas potencialidades limitadas ao serem respectivamente encaixados nos rótulos de educadores (que detém o poder do conhecimento) e educandos (aqueles que devem obedecer em um sistema de punição-recompensa).

Daniel estava perto da porta olhando lá para fora. Estava chovendo e eles não podiam sair. Não aguentei e fiz uma pergunta:

- O que você está vendo lá fora?

- A Maria brincando...

- Onde ela está?

- Invisível ué! Você não está vendo ela subindo na árvore?

Há um poder encantador na imaginação de uma criança. E viajar com elas é uma delícia quando não se está amarrado ao “adulto que sabe”. O não saber é libertador diante de uma criança. E ser contagiado pelo seu imaginar ainda pulsante, nos devolve também esse encantamento diante da vida.



Foto cedida pela Aline, mãe do Lucca.

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino e suas
latas maravilhosas.
Seu olho exagera o azul.

Todas as coisas deste lugar já estão
comprometidas
com aves.
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os
besouros pensam que estão no incêndio.

Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa
Ele me rã
Ele me árvore.
De tarde um velho tocará sua flauta para
inverter
os ocasos.

Manoel de Barros (2011) – Poesia Completa

Manoel de Barros junta as palavras, fazendo brincadeira com a gramática de regras rígidas. Ele mistura o que lhe foi dado de uma forma sua e nos provoca a ir além da maneira usual de escrevê-las. Nos propõe o estranhamento como uma possibilidade de caminho. Narra acontecimentos simples com beleza, por conseguir ver poesia em latas, árvores, fundos de quintal, animais... Manoel, o poeta, consciente de sua pequenez, anda pelo mundo com simplicidade e nos convida a ver graça nos acontecimentos cotidianos. Narra a vida sem se importar se faz sentido. Ele apenas é suas vontades de dizer. Ele sabe que sua linguagem é outra, mas que sem ela, se perderia também o encanto. Desencantar-se é enrijecer.

A criança também possui uma linguagem outra, embebida de uma dose considerável de encanto. Ela é capaz de enxergar o rio, as formigas, os besouros, a casa com roseira da avó... Assim como Manoel de Barros, a criança trata de nos resgatar do adoecer do olhar enquadrado e rígido, mostrando que nem sempre o que acontece precisa de explicação ou fazer sentido. Para ver na perspectiva de um olho criançairo é preciso apenas deixar que as palavras nasçam das sensações que nos perpassam. Se não somos capazes de ver peixes, rãs, riachos e florestas no cotidiano das instituições escolares, se nossas experiências nesses ambientes não nos atravessam e se tudo precisa fazer sentido para caber, estaremos promovendo a educação para o desencanto. Manoel (o poeta menino) descomplica e coloca a simplicidade do cotidiano como o que traz pulsão de vida aos corpos em formação. Serão outras as relações entre os corpos na escola, se os professores se juntarem às crianças para acompanhar o andar das formigas, perceber as coisas comprometidas com as aves e para escutar o barulho do rio enquanto o horizonte enrubesce?

A criança nos convida a reaprender a ver. Mas seu gesto é por muitas vezes ignorado dentro dos sistemas de ensino. Ao entrar na maior parte dos espaços escolares, sinto que existem tantos objetivos a serem atingidos, que o movimento espontâneo da criança fica à margem de expectativas e conteúdos, que acabam por se tornar maiores que o próprio ser criança. O foco é colocado sobre o que falta, o que se deve aprender, o que se deve alcançar... E o que já está, o que a criança é, quem tem tempo para enxergar?

Temos um sistema escolar que entende que o conhecimento está preso entre as paredes de uma sala de aula e só caminha no sentido do professor para o aluno. As atividades são na maior parte das vezes direcionadas, as crianças ficam emparedadas e o direito ao brincar, desvalorizado como se não tivesse nada a contribuir com o desenvolvimento infantil. Tiriba (2018, p.246) nos provoca a buscar formas de desemparedar as crianças:

Os movimentos de liberdade e expressividade das crianças assustam os adultos; talvez porque, numa sociedade marcada pelo controle e racionalidade, perderam o contato com as sensações [...] como é difícil deixarmo-nos alegrar, afetar, libertar das amarras ao império do relógio, ao tempo da produção[...]

Maturana e Verden-Zöller (1993) apontam o coexistir como alternativa à educação hierárquica que empobrece a relação com nossas crianças. Se o olhar para o outro é cuidadoso e atento, a autoridade (domínio) cai por terra e nasce uma relação mais

de parceria, de alguém que acompanha. Assim, a obediência é substituída pelo acolhimento, que cria um espaço para que o respeito aos tempos e desejos possa surgir na coexistência.

“Todo conhecimento tem uma inscrição corporal” (ASSMANN, 1998, p.29). Se os aprendizados estão pelo corpo, o coexistir é uma escolha que ao menos nos permite o compartilhar de uma experiência. Mas se tudo é reduzido a uma pasta de atividades a ser entregue aos pais, que parece ser a única prova de que a criança está aprendendo, o que vivemos nega desejos e fica limitado a um produzir para convencer responsáveis de que suas crianças estão recebendo uma educação adequada às suas expectativas.

“Wallon mostra que todas as emoções podem ser vinculadas à maneira como o tônus se forma, se conserva ou se consome” (apud GALVÃO, 2000, p.62). É pouco provável que pratiquemos uma educação que dê às crianças o direito a existirem e se desenvolverem criando seus próprios caminhos, se não entendermos a importância do tempo para observar de perto os movimentos das crianças. Parar para simplesmente olhar, sem corrigir ou ordenar é respeitar o direito da criança de descobrir por si mesma e abrir caminhos com seu pequeno corpo: potente, imaginativo e curioso em meio a imensidão de possibilidades e estímulos que o mundo lhe oferece.



O movimento e a alegria da criança na pele da professora

Será que é pelo medo de perder o controle que o adulto sobrepõe seu conhecimento ao da criança com tanta força? Uma educação que não é feita pelo corpo, nem reconhece as emoções como parte de nosso processo de desenvolvimento, contribui para que não saibamos lidar com o que somos, endurecendo corpos que mais tarde sofrerão as consequências dessa falta de contato com o que pulsa por dentro, sua essência e sua natureza humana.

Que passos podemos dar na direção de metodologias pedagógicas mais sensíveis aos gestos das crianças? Aposto na sensibilização dos adultos em uma educação/formação que passe pelo corpo. Talvez, ao observar o imprevisto de si mesmo, os educadores

passem a não temer o imprevisto que o gesto espontâneo de uma criança traz.



(1975) Se ignorarmos nossos limites,
não podemos manter relações com os outros

Con ojos de niño - Tonucci, 1994, p.29

Nos últimos dez anos trabalhando, criando e desenvolvendo projetos com famílias em comunidades de baixa renda, sempre me chamou atenção a distância que a escola se encontra da realidade das crianças que se tornam seus alunos. Sem conhecer de onde elas vêm, quem elas são, como compreender seu comportamento e encontrar junto com essas crianças os caminhos para uma educação que respeite seus desejos e entenda suas necessidades?

Estive com as crianças muito tempo na rua até entrar na escola. E o que notei era que no espaço escolar elas agiam diferente, nem pareciam as mesmas crianças! Veiga-Neto (2011), apoiado nos conceitos de Foucault, nos coloca de frente com a questão da escola ser vista como uma fábrica de controlar corpos a partir do poder disciplinar. Dóceis, esses corpos se tornam mais capazes de serem moldados. Na rua eles são mais livres. E quanto mais conscientes da liberdade, menos esses corpos estão disponíveis a serem docilizados à força.

Diante disso não era difícil entender porque a maioria abandonava a escola antes de terminar o Ensino Fundamental. Educar, não pode ser uma forma covarde de cortar asas antes que elas descubram sua capacidade de voar.

Aprender pelo corpo

A Educação Física e os projetos sociais me permitiram olhar para as crianças de um outro lugar. Ao andar pelas vias mais sensíveis de mim, foi possível desconstruir as metodologias engessadas e rígidas que em algum momento serviram para a educação de outros tempos. No meu agora, as crianças me diziam que eu precisava libertar o meu corpo para poder sentir o delas.

Nas comunidades, para chamar as crianças para as atividades, eu batia nas portas de suas casas e fazia o convite. Essas portas me ensinaram muito. Eu aprendia com a porta da casa de uma criança que demorou meses para se abrir com medo de mim e outra porta que se escancarava para me contar através de uma menina de sete anos, que naquele dia ela não poderia vir brincar conosco, porque tinha que cuidar de seu pai que havia bebido na noite anterior. Eu aprendia com o corpo queimado de uma criança que eu podia ver pela fresta da porta, como um corpo infantil aprende na pele sobre a ação do álcool no fogo, na solidão de sua infância de pais ausentes por terem que trabalhar. Na maioria das vezes quem atendia quando eu batia nas portas eram as crianças. Cada porta que abria me dava uma lição. E não há matéria da escola ou da faculdade que nos ponha em contato com o imprevisto da vida, diante das estruturas desequilibradas de nossa América Latina partida em tantas realidades sociais.

Cada porta fechada era uma fronteira de telha, madeira ou plástico, com uma corrente no buraco, onde nossos olhos cabiam para se encontrar, na impossibilidade da porta aberta que permitia que a gente pudesse se ver com o corpo todo. Algumas vezes nem era questão de não querer abrir. Eles estavam trancados. Eu nunca imaginei que se pudesse brincar por um pequeno buraco, fresta driblando fronteira...lugar onde se podia ser dois, mesmo com um de cada lado.

Já as portas abertas, eram mestras em dissolver certezas, contar sobre a falta de sentido em buscar a resposta certa e a liberdade de não ter mais um resultado para esperar. Ao abrir a porta, ao me permitir entrar, éramos dois, três, quatro mundos em silhuetas de peles de todas as cores, diante do inesperado de cada dia. Podia dizer que foi aí que parei de me assustar com o inesperado, mas não, sempre sinto esse friozinho na barriga do não

saber o que vai acontecer. Mas foi a partir dessas experiências que aprendi a não evitar o que foge ao meu controle, a não ter medo do espontâneo que a criança carrega. Ali, entendi o que era aprender com as sensações do corpo. Os movimentos das crianças me mostraram sua capacidade de criar poesia, mesmo diante da dureza da vida.

[...] para lermos uma criança, devemos fechar os livros e ver, com os olhos do coração e a cognição da emoção, que ela é composta por uma história específica, peculiar, que é definida pela cultura, pela sociedade, pela cidade, pela relação entre as pessoas que habitam a sua vida (BUENO, 2018, p.34).

Le Breton (2016, p.11) diz que “não existem alternativas senão experimentar o mundo, ser atravessado e transformado permanentemente por ele”. Mas o campo educacional que temos hoje, mostra uma disputa constante entre o que o sistema impõe e as coisas que ousamos desejar. Se continuarmos a repetir um padrão de ensino que pouco se renova, em alguns anos ainda poderemos brincar? Sonhar?

Nossas individualidades não devem ser postas à venda. É preciso despertar para o fato de que precisamos do outro para construir o novo, em relações horizontais, amorosas e que nos impulsionem a somar forças e não a competir uns com os outros. Humanizar a aprendizagem. Romper com o que vem acompanhado de estresse e adoecimento, sobrecargas que traumatizam caminhos e vontades de aprender. E entender, que o corpo da criança é a expressão do que ela vive dentro e fora do ambiente escolar. Enquanto os muros que separam escola e comunidade não forem derrubados, não é possível enxergar a criança em sua inteireza.

O que acontece quando os gestos espontâneos dessas crianças ganham a atenção de uma escuta docente mais sensível no ambiente escolar? Que componentes dessa experiência podemos trazer para dialogar com o silenciar, hierarquizar e controlar tão presentes em nossas escolas?

O gesto infantil como tecido de mudança

Ao trazer a escuta-sensível do gesto da criança para dentro dos espaços escolares, a aposta é que outras possibilidades de relação educador-educando podem nascer e abrir caminhos para encontros mais humanos, afetivos e prazerosos, sem sobrecarregar os corpos adultos nem negar aos corpos infantis o viver da infância. Mas é preciso coragem, porque como diz Miguel Arroyo (2019a, p. 33):

Na nova relação com os alunos fica instalada uma nova relação com nós mesmos. Aprendemos e nos aprendemos. As tensões e medos são legítimos. Tensões que partem do choque com as condutas dos alunos, mas que tocam nas raízes mais profundas de nossa docência.

A vida é feita de riscos nessa sociedade de símbolos e poderes invisíveis, em que a violência passa algumas vezes despercebida, em meio a esse automatismo que parece ter aprisionado o ambiente escolar, causando uma cegueira coletiva.

Como construir junto com as crianças, quando por anos ouvimos que o adulto é o detentor de todo conhecimento e a figura que devemos obedecer? Meu desafio é entender como essa venda pode cair dos olhos de nossos educadores, a partir do som da voz e do toque dos gestos das crianças.

Nem sempre estamos conscientes de como as memórias ressoam dentro de nós. Vivendo direta ou indiretamente experiências de imposição e submissão a uma ordem que fere a liberdade, interiorizamos o fato de que esse é o caminho que funciona e organiza, a partir de uma hierarquia de saberes que anula individualidades e abraça a nossa educação aprisionante, maquiando as grades com paredes de concreto.

A escola e suas técnicas disciplinares fazem com que as pessoas aceitem o poder de punir e de serem punidas. Cada indivíduo, na posição que ocupa, faz “reinar a universalidade do normativo”, submetendo o corpo, os gestos, os comportamentos, as condutas, as aptidões, os desempenhos aos inúmeros mecanismos de disciplina exercidos pela sociedade (GUIMARÃES, 2003, p.38).

O que aconteceria se as memórias comesçassem a ser outras? Mais afetivas, plurais e nas quais o conhecimento pudesse acontecer por vias que não envolvessem imposição nem submissão de poderes e saberes? Acredito na transformação a partir da experiência e que as vivências práticas que sensibilizam, podem mudar paradigmas e olhares, resultando em atitudes outras, em um processo real de coexistência. Quando somos tocados por algo que vivemos, nunca mais voltamos a ser os mesmos. E, para mim, é nesse ponto, que a transformação do olhar adulto acontece, tão espontânea quanto os gestos de uma criança, que o novo pode surgir.

Larrosa (2018, p.245) contribui com linhas de alerta ao dizer que o indivíduo “concebe sua própria vida como trabalho e a si mesmo como capital, como suporte de um conjunto de qualidades, habilidades e destrezas que têm que ser mercantilizadas e rentabilizadas”. É isso que queremos que nossas crianças se tornem? Um produto? O

capitalismo não nos faz só consumir produtos, nos torna os próprios produtos a serem consumidos.

Quero mesmo é pensar, se aqui me é permitido o delírio, que o que precisamos é de uma provocação que desperte nossa indignação e nossas forças para ao menos tentar criar pulsões de mudança. Pulsões que se sobreponham aos movimentos que nos levam a reproduzir. E persistir, para encontrar caminhos de libertação em meio a um sistema criado para nos tornar: “A MASSA”.

Boaventura de Sousa Santos (2002), compara a quebra de paradigmas ao alargamento de fronteiras e se posiciona contra o desperdício da experiência. Quanto tempo mais vamos desperdiçar a riqueza de nossas experiências? As oportunidades de aprender enquanto “ensinamos”. O autor também fala sobre a abertura que precisamos ter para nos deixar surpreender. Com tudo planejado, não há lugar para a surpresa e a transformação social não pode existir, se nossa capacidade de se indignar com o mais do mesmo está adormecida. Nunca nos ocorrerá perguntar o que sentem ou quais são os desejos daqueles que dividem o mesmo espaço com a gente durante 200 dias letivos? Quando foi mesmo que nos fizeram parar de acreditar?

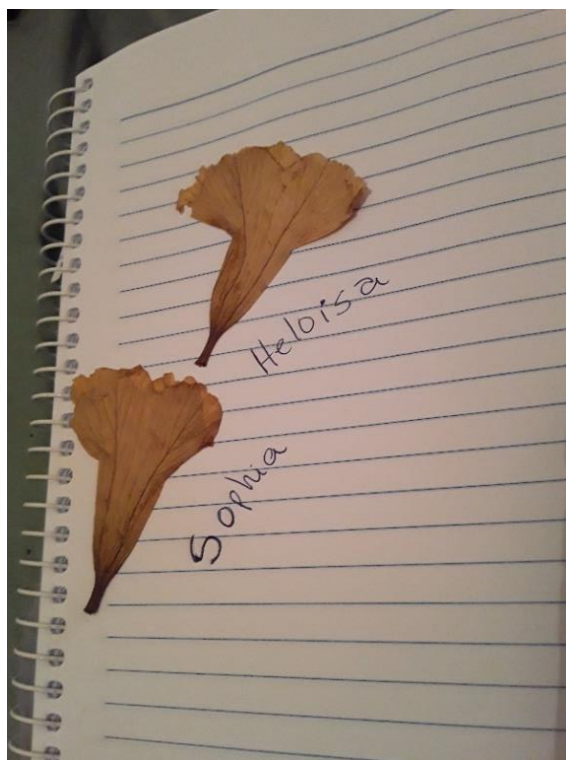
Entrar em diálogo com um/a autor/a para somar forças e expandir o olhar, quando esse querer é natural daquele que busca aumentar suas possibilidades de caminho tudo bem. Porém, muitas vezes, as experiências dos professores não são valorizadas se não vierem acompanhadas de uma citação. Isso nos faz andar pelo caminho da educação com pouca confiança no que acontece no cotidiano escolar. Nossa formação nos incentiva a escrever em uma relação muito subordinada aos teóricos. Muitas pedagogias poderiam ser criadas com o que se vive no dia a dia, nesse encontro imprevisível entre adultos e crianças. Contudo, quantos professores possuem um espaço para falar do que vivem, partilhar suas dúvidas, inquietações e conquistas? Quantas professoras são incentivadas e tem valorizadas as suas tentativas de criar algo novo? Por isso me pergunto: Quanto podemos nos fortalecer a partir de nossas experiências diárias como educadorxs e quanto temos que citar para sermos ouvidxs? Quanto uma criança terá que obedecer calada para ter sua infância minimamente respeitada? Somos produtos do mesmo sistema.

Por que adoeceriam professores e estudantes se realmente estivéssemos indo por um bom caminho? Sem espaços de expressão para o corpo só resta a doença da mente. Quantos remédios mais descendo pela garganta das crianças sem espaço para dizer o que

sentem? Quantos atestados para nossos professores? Quanto tempo mais para a gente acordar e perceber que estamos nos consumindo?

Para que nossos cérebros adestrados sejam novamente capazes de se emocionar e desconstruir modelos que limitam o movimento e a expressão de nossos corpos é preciso deixar que as crianças nos devolvam o encanto. Mas o que acontece é que nos separam, nos classificam, dão aos professores poderes de punir para fazer com que as crianças obedeçam. Nos dizem que a sabedoria está no conhecimento adquirido com a idade. Mas, diante da criança, a sabedoria está em vê-la como um ser constituído dos mesmos elementos que nós, adultos. Pelo pensamento de que somos mais que elas, entre o adulto e a criança existe um abismo que hoje pede um salto, um voo, um risco.

Entre as belezas de todo encontro com a infância, também vemos estresse, sobrecarga, gritos de ordem. Sensibilizados, corpos adultos podem ser capazes de oxigenar sua relação com as crianças, pausar, acolher, gerar mais aproximações que abismos. Com o olhar sensível e a permissão para sentir, pode ser que com o tempo baste apenas um passo, para que nossos corpos grandes e pequenos se encontrem e sintam na pele, a humanidade que nos fragiliza, fortalece e iguala. Aliar-se à criança pode ser sim, uma alternativa para uma educação mais potente.



Delicadezas de Heloisa e Sophia - Mais que palavras entre as linhas

CRIANÇAS E ADULTOS PRONTOS PARA SEREM CONSUMIDOS NA SOCIEDADE DO RENDIMENTO

Corpos humanos são impregnados de impressões e sensações que fazem da nossa cognição uma subjetividade, baseada na afetividade, na socialização e na interpretação de situações concretas da vida (ALMEIDA; AZAMBUJA; BENETTI; VIEIRA, 2002, p. 126).

As tensões entre os corpos de crianças e adultos surgem da quebra das imagens que temos dessas duas fases da vida (ARROYO, 2019a). Quando um gesto quebra a imagem aprendida como correta ou modifica um resultado esperado, as pessoas costumam reagir a um desconforto que os joga no campo da incerteza.

De acordo com Merleau-Ponty (1999⁷), o corpo-sujeito é aquele que não é visto meramente como um objeto, e sim, como uma unidade entre corpo e mente, sendo capaz de experienciar a si mesmo e o mundo. A experiência aqui significa estar em contato com o que nos rodeia: a cultura, os afetos, o tempo, as relações sociais, etc. (apud SOUZA; SOUZA, 2017).

Pensar:

uma escola que supere a razão instrumental e integre a razão comunicativa, passa pela adoção de novas perspectivas teóricas e pela ressignificação do lugar que o corpo ocupa e da importância que o corpo tem, no contexto da prática pedagógica (ALMEIDA; AZAMBUJA; BENETTI; VIEIRA, 2002, p. 127).

A educação parida do ventre social

Nossa educação nasce da maneira como funcionamos enquanto sociedade (FOUCAULT, 1987). Contração após contração, a opressão impera enquanto sentimos a dor de sermos expulsos do nosso eu e matriculados em um lugar onde devemos nos tornar peças talhadas para encaixar em um sistema social, não muito aberto ao que desvia da norma. Ele pune quem não se adapta ao adestramento e recompensa aqueles que não saem da linha traçada para o pré-programado educar. Nossa identidade se confunde entre o que

⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

sentimos e o que somos obrigados a fazer por anos e anos, fragmentando nossa natureza que, entre avaliações e rendimentos, vai se distanciando de sua essência e se rendendo a um movimento corporal mecânico de tarefas a serem cumpridas. Dessensibilizado, o corpo já não se pergunta o que quer. Já não sente o que lhe toca. Apenas segue o que parece ser correto, sem saber que pode desejar por si mesmo. A maior parte de nós não percebe o acontecer da perda dos sentidos. E assim, desprovidos do que realmente nos move, recebemos uma formação de conteúdos que nos endurecem e nos preparam para sermos os próximos opressores. A maior parte de nós não percebe o acontecer da perda dos sentidos e a maioria, jamais os recupera.

“Essa vulnerabilidade dos próprios corpos dos educandos nos defronta com mais do que seu direito à educação, ao letramento na idade certa, nos defronta com o direito à existência. À vida” (ARROYO, 2019b, p.163).

Se o ventre social quisesse manter a natureza do humano, a essência que nos acompanha quando deixamos o ventre materno, a educação nasceria com o objetivo de manter o encanto do sopro da vida. E, acompanhado de nossa potência, nosso desenvolvimento seria na direção de apurar os sentidos, de reconhecer nossas forças e fragilidades e não de silenciar o corpo em todas as suas dimensões.

E os espaços coletivos, tão repletos de diferenças, tão cheios de multiplicidades, são os que mais se propõem a essa tarefa de controle e fragmentação. Designam forma, atitudes, condutas, morais, regras, combinados, leis... Tudo para manter a ordem, a disciplina, o indivíduo padrão soldado nos corpos que por ali transitam (BUENO, 2018, p.33).

Professores ensinados a reproduzir, fazem o mesmo com seus alunos. Afinal, nossa formação também é feita das “lembranças que guardamos sobre o trato dado a nossos próprios corpos, quando éramos alunos (as). Entre as lembranças mais fortes estão as filas, o silêncio, tanto tempo sentados nas carteiras, sem movimento[...]

 (ARROYO, 2019, p.106).

Despotencializados, os alunos vão perdendo a chance de ser parte de seu próprio processo de desenvolvimento. E os professores, que continuam recebendo uma formação que sensibiliza pouco seus corpos, tendem a manter o sistema de punição-recompensa, que hierarquiza e mantém as relações verticais de poder.

[...] nos imaginários dos centros de formação, os alunos aparecem apenas como mentes a formar, a instruir e a aprender nossos saberes. Ficaremos sabendo que essas mentes não são angelicais, mas corpóreas, no embate diário com os alunos(as) nas salas de aula (ARROYO, 2019a, p.108).

“O embate entre a teoria que não pensa a prática e a prática que não se vê na teoria gera um abismo [...]” (BERLE; KOHAN, 2019, p.225). Esse abismo pode explicar a distância em que se encontram professores e alunos nas escolas. O professor fala de um lugar que o aluno não se identifica e por isso é difícil que ele se interesse pelas aulas, fazendo com que os educadores se convençam de que a única forma de conseguir algum tipo de cooperação é tornando esses corpos disciplinados pelo medo da punição.

Rubem Alves traz o medo como algo que pode impedir que a aprendizagem aconteça e nos chama atenção para a importância do olhar:

Existem olhares que têm o poder para destruir. A inteligência de um aluno pode ser destruída por um olhar zombeteiro. Há certos olhares que são proibidos, olhares de raiva, olhar de zombaria, de caçoada. O que eu pediria de cada professor é que eles tivessem um olhar manso, nada mais do que isso. Que eles tivessem um olhar manso... Porque se eles tiverem um olhar que produz medo não haverá aprendizagem, porque é impossível se aprender com medo (ALVES, 2010).

Em Ferraro (2018, p.36), encontramos que “a relação ensinante é um corpo a corpo” e “uma relação de vozes” (FERRARO, 2018, p.38). Escutar o outro para que sua voz ressoe dentro de nós. Saber que tudo que nele existe se transforma em gesto, imagem corporal e memória. Nossas graduações ainda não se apropriaram do olhar sensível, que depois sentimos falta no encontro com as crianças. Não podemos mais negar a importância de observar os gestos e “ouvir as falas que os alunos nos gritam através de seus corpos” (ARROYO, 2019a, p.108).

Como lidar com a raiva que chega à sala de aula dentro do corpo do menino Samuel? A violência que presenciamos, vem em grande parte desse sentimento querendo sair sem saber muito bem outra maneira, que não seja socando, empurrando, gritando, perturbando de alguma forma o ambiente. Tendemos a afastar o que é muito diferente da gente e do que nos ensinaram. É difícil mesmo lidar com o que nem sempre podemos compreender, com o que quebra nossa própria imagem do ser criança e desmonta todas as nossas certezas.

Desemparedar corpos e mentes para que o crescer seja em liberdade

“Temos um currículo com milhares de quilômetros de extensão e milímetros de profundidade. [...] Mudaram-se as necessidades porque os alunos hoje vão viver em um cenário diferente do que seus professores viveram. Deveriam deixar que eles nos contem qual é o cenário atual e nos ajudem a entender o caminho. Nada muda na cabeça se não mudar no coração”.

Nélida Zaitegi

Educadores se colocam diante das crianças com muita vontade de acertar. Estudam, mergulham em teorias e cursos e percebem por onde gostariam de ir com elas. Porém, de acordo com Arroyo (2019), as crianças são regidas pela imprevisibilidade e nos contam rapidamente sobre a nossa falta de controle, escancarando a realidade sobre a incerteza do que vai acontecer, colocando o adulto em um terreno que ele não foi preparado para encontrar.

Com o gesto infantil é possível começar a descobrir como nos desapegamos do caminho pronto. É com o movimento do pequeno corpo na sua frente, que a criança mostra ao adulto que para o caminho ser leve é preciso construir junto. Ela convoca nosso olhar para sua dança, mostra os passos, revela seus medos e coragens e desafia nossa capacidade de criar e se reinventar. Conta, sobre uma outra forma de aprender, mostrando a importância de revermos nossas práticas, deixando que ecoe não só o que aprendemos nos livros, artigos, congressos e seminários, mas também o que vibra em nossa pele.

Sair da zona de conforto compreende um risco que nem todos estão dispostos a correr. Como adultos, nem sempre lidamos bem com os movimentos não programados das crianças, que questionam a obediência passiva com a graça da imaginação e do espontâneo que habita o universo infantil.

Os movimentos espontâneos dos corpos das crianças confundem a razão do adulto, que gera uma expectativa de resultado de acordo com os seus desejos. Hernández (2019) em uma palestra na USP, nos faz refletir dizendo que “se meu saber gera uma distância de meus alunos, ele não é um saber. É simplesmente acúmulo de conhecimento desprovido de corpo”.

Em contato com as crianças, corpos adultos são convidados a descobrir coisas novas todos os dias. Alguns se abrem para atender esse chamado. Porém, a grande maioria permanece agarrada ao caminho que parece mais seguro: dizer a criança o que ela deve

fazer. Diante disso, os gestos que simplesmente brotam da natureza infantil durante as atividades, são na maior parte das vezes ignorados, devido às metas que devemos cumprir e os resultados esperados pelas normas do mundo adulto. Cada turma deveria ser livre para encontrar seu próprio caminho e o professor deveria ser mais incentivado a criar suas próprias metodologias.

Um adulto que geralmente pede que a criança se aquiete, precisa da sensação de que tudo está sob o seu controle. O espontâneo incomoda porque desarma o programado. E assim, o que vemos acontecer por anos no sistema educativo é a dominação pelo poder que hierarquiza conhecimentos, colocando o saber e o desejo dos professores acima dos desejos das crianças.

A comunicação entre o professor e o aluno realiza-se num contexto artificial. As perguntas do professor não são de verdade porque ele já sabe as respostas. A criança, por sua vez, é obrigada a aceitar as regras do jogo dando a resposta certa ou aquela resposta que o professor deseja receber (GUIMARÃES, 2003, p. 48).

Uma formação docente baseada em reproduzir ideias através de um aprender mecânico e um currículo distante da realidade dos alunos, torna “difícil encontrar significados atraentes em noções, leis e conceitos formulados sem referência à experiências sociais e culturais significativas” (ARROYO, 2013, p.119). Conhecimentos descolados da experiência mobilizam muito pouco o interesse dos alunos.

“Os saberes disciplinares sentem-se como que ameaçados de ter que repensar-se para dar conta dessas realidades humanas tão desestabilizadoras, que não há como não enxergar nos próprios educandos” (ARROYO, 2013, p.170). “A proposta da Educação Infantil terá as marcas de como as crianças sejam pensadas” (ARROYO, 2013, p.198).

Quando a criança me convida a cruzar a fronteira do meu lugar seguro eu sinto medo. Será que me dou conta de que isso também é o que minhas propostas podem causar nela? A criança, a vida e a natureza brincam com a nossa lógica. É preciso que aconteça a expansão do corpo e do olhar para que eu me deixe levar a novos lugares pelas mãos de uma criança. A educação não pode se tornar tão estática, a ponto de não ser dada à criança, como sujeito de sua infância, a chance de experimentar, sentir, tocar e deixar-se tocar pelo mundo à sua volta.



Professora, pele, memória.

Se o professor se permite sentir a experiência, verá que ele também é imprevisto. Se ele não sabe como lidar com algumas questões que surgem naquele dia, como pode esperar que a criança o faça? Por que dá tanto medo esse não saber? Larrosa (2002, p.28) nos conta que “[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”.

O que não se espera, abre caminhos antes inimagináveis, provando que os limites das maneiras de aprender sempre podem ser quebrados. Tudo se transforma com o tempo e é preciso exercitar esse soltar do que perde o sentido de existir. A infância não pode se limitar aos conceitos de “certo” ou “errado”, sem que a criança experimente a linha tênue que separa esses comportamentos na vida.

Arroyo (2019a, p.113) nos provoca dizendo que “Ou descemos de nosso pedestal e de nosso intelectualismo abstrato, incorpóreo ou nossa docência entrará em um beco sem saída”. O gesto espontâneo infantil obedece à sua natureza, bem diferente do significado de imobilidade. Todo movimento espontâneo é um convite à libertação!

No convívio com as crianças existe uma formação acontecendo e nosso crescimento enquanto docentes, vem da superação das ideias fixas sobre o educar e do entendimento de que não existem “saberes fixos” e imutáveis. Elas sempre desorganizam nossas teorias. Crianças se movimentam e nos movimentam. Se o professor muda o olhar e entende a riqueza do movimento de seus alunos e o quanto pode aprender com eles,

cada dia se torna um acolhimento do inesperado e não mais um esforço para que aconteça o que se espera. É preciso tentar andar por outras vias!

As tentativas de tantos professores (as) de trabalhar com as experiências de nossa formação social, de nossos conflitos sociais, étnicos, raciais, dos campos, vilas, favelas e ruas e até conflitos das próprias escolas e do movimento docente será muito mais desafiante e desestabilizador das teorias disciplinares do que apenas trabalhar, ensinar e avaliar conceitos frios, fórmulas e normas, leis e números reduzidos a desempenhos matematizáveis (ARROYO, 2013, p. 127).

O comportamento imprevisto é material de aprendizagem e não motivo para colocar para fora de sala. Como entender que podemos aproveitar o movimento espontâneo dos corpos para criar caminhos possíveis para o educar, ao invés de tentar encaixá-los em nosso planejamento? A escola como um campo de batalhas só contribui para o adoecimento dos corpos. Observo com curiosidade a potência que temos para produzir nosso próprio “desemparedamento”, nosso grande salto para fora da “caixa educativa” que nos aperta entre quatro arestas que violentam nossa potência e criação.

Quando um adulto duvida de como deve agir diante de uma criança, busca a resposta entre outros professores, em cursos, seminários, literatura especializada, etc. Outra proposta de caminho é responder aos seus questionamentos a partir da escuta e das vivências que acontecem no encontro com as crianças. Rinaldi (2012) nos apresenta a Pedagogia da Escuta, que engloba a valorização das experiências cotidianas e atenção aos gestos das crianças, acolhendo o inesperado e as incertezas como parte dos movimentos de aprendizagem. Essa concepção coloca o professor como aprendiz e mediador de um processo feito em conjunto com a criança e a escola como o lugar da pergunta.

[...] para lermos uma criança, devemos fechar os livros e ver, com os olhos do coração e a cognição da emoção, que ela é composta por uma história específica, peculiar, que é definida pela cultura, pela sociedade, pela cidade, pela relação entre as pessoas que habitam sua vida (BUENO, 2018, p.34).

É preciso ouvir o que as crianças têm a dizer. A educação não deve ser pré-determinada, e sim, percorrer um caminho que vai se construindo durante cada dia letivo, em busca do melhor que possamos ser entre planejamentos e improvisos.

A criança é imensidão, mar revolto, calmo, imprevisto, ondas leais aos seus instintos. Sim, é preciso coragem e corpos com sensibilidade correndo pela superfície de suas peles para enfrentar certos mares.



Marcha Lenta: palhaça que mora no coração da educadora Bianka

“É com a palhaçaria que inauguro meu ser pedagógico, criativo e criador de minha própria pedagogia, em diálogo profundo com meus maiores mestres: as crianças. Minha pedagogia é sem fronteiras, itinerante e sonhambulante!”

- Marcha Lenta -

EDUCAR PARA O ENCANTO

“Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei”

(Manoel de Barros)



Arquivo pessoal

Os olhos do poeta Manoel de Barros não viam o mundo sem o coração puro de sua infância ainda latente em seu peito. Sendo assim, ele podia ver as miudezas, coisas que chamam a atenção dos olhos de uma criança, mas que escapam à visão do adulto, desviado de si desde cedo, para virar produto a ser consumido em mercado de trabalho. A sensação que tenho é que enquanto crescemos, o miúdo dá lugar às complicadas preocupações do mundo das pessoas grandes.

Um pouco de Manoel na veia é necessário para despertar nossas infâncias que habitam algum lugar dentro da gente mesmo que tenhamos crescido. Doses de Manoel são urgentes quando a educação gira em círculos e se perde do encanto. Quando lemos Manoel de Barros um vento de infância nos sopra e a vida parece ficar mais simples a cada linha:

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo (BARROS, 2008, p.67).

A plasticidade dos gestos infantis será capaz de encorajar o adulto a correr novamente o risco de colocar o coração nas coisas?

Arriscar-se, mesmo sabendo do perigo de se esvair, esvaziar o que foi, no dizer disso que foi. Arriscar. Correr riscos. Correr. Risco. Riscar. Arriscar. Pressentir o perigo. Buscar nas palavras o vestígio do intensivo que se deu no encontro das falas, dizeres, murmúrios escritos. Há riscos (CLARETO; DA VEIGA, 2016, p.37).

É mesmo um risco e um desafio colocar o coração em um lugar onde a razão se acostumou a ocupar. Uma educação-pele é intensa, sutil, miúda. Às vezes dá mesmo medo sentir tanto. É o convite que os gestos das crianças nos fazem: SENTIR. Mas onde estava nosso coração entre Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior e por aí vai mais cérebro? Provavelmente batendo sem ser ouvido em um corpo com dificuldade para perceber os sons de si... Um corpo a copiar, decorar e executar, buscando resultar em algo que receba a aprovação da educação-razão.

“Mãos inquietas tateiam marcas” (CLARETO; DA VEIGA, 2016, p.40). Para dar espaço aos gestos das crianças é preciso reencantar-se. Encontrar um caminho no qual o

corpo se perceba, esteja disponível ao imprevisto, se deixe tocar pelo movimento do corpo de uma criança.



Sobre a delicadeza

“Esta plantinha estava começando a ficar com as flores secas e eu não notei. Peguei ela molhando sem que tivéssemos combinado nada. O que me encanta na foto é a delicadeza das duas. Essa turma me ensinou a ver as pequenas coisas”.

- Professora com a delicadeza na superfície da pele -

O gesto de uma criança tem o poder de tocar lugares em nossos corpos docentes e marcá-los com seu encanto, que é o espontâneo ainda preservado. A doçura, a emoção, a lágrima, o sorriso, as mãos, os pés, os cabelos... Tudo que acontece sem termos combinado. Tudo que apenas é. Como quando abrimos a janela sem saber como o dia está lá fora.

“Mãos inquietas arrombam janelas para deixar passar o vento” (CLARETO; DA VEIGA 2016, p.36). Porém, se a educação passa longe das sutilezas e sensibilidades, a escola, muitas vezes, não consegue ser um espaço para o conhecimento de si. E se não aprendemos a existir, ou seja, tatear a nossa própria pele, também vamos distanciando as crianças da pele que lhe dá contorno. Não podemos deixar que nos tornem corpos condenados à não-existência. Um adulto pode se tornar invisível diante de um sistema que o pressiona a seguir a norma, sem que descubra a quantidade de coisas que pode criar e as muitas vezes em que pode se reinventar. Uma criança pode nunca saber do que é capaz, abafada por uma educação feita à força.

Barbosa fala sobre as rotinas em instituições de Educação Infantil, mostrando que existe uma cultura na qual a criança está inserida que a afeta, ressaltando a importância das experiências na formação da identidade:

Nas rotinas universalizantes, esquece-se de que as crianças são diferentes, nascem e crescem em profundo diálogo com uma cultura específica. Quando falo na cultura das crianças bem pequenas, refiro-me aos gostos, às ações, aos toques, aos sons, às palavras, às canções, às luzes, às cores, aos cheiros, às mobílias, aos brinquedos que as circundam, bem como às formas como as diferentes culturas são significadas socialmente, passando a constituir o próprio modo de ser de cada uma dessas crianças. É no contato, nas experiências que realizam com e nessas culturas que as crianças vão criando suas ações, conceitos e ideias sobre sua identidade pessoal, sobre o mundo em que vivem e sobre seu lugar nele (2006, p.177).



Abraçar-se....



...para poder abraçar o outro.

O corpo adulto, seus desafios e possibilidades de voo

A formação com base em atividades direcionadas, dificulta a abertura do professor para acolher o gesto espontâneo da criança. A quantidade de tarefas a serem cumpridas, nos fazem viver em uma velocidade que nos impede de perceber e adquirir a sensibilidade necessária para lidar com os imprevistos. “A criança é preparada, por anos, para funcionar num sistema alienante, e não para desenvolver suas potencialidades intelectuais, amorosas, naturais e espontâneas” (NARANJO, 2017). É preciso parar, diminuir o ritmo, desacelerar... para poder atravessar as teorias com sensibilidade.

Como docentes é preciso admitir que somente o saber do professor não basta. Precisamos que as crianças nos ajudem a alargar as fronteiras. O que parece dar trabalho em um primeiro momento, pode trazer a leveza necessária a uma educação mais humana, na qual o prazer seja tanto, que não haja espaço para o embrutecimento dos sentidos.

Uma criança que está construindo sua identidade no mundo não pode ser invisível aos olhos de um adulto. Um corpo que nega a existência de outro, de alguma forma também não enxerga a si mesmo. Quando reproduzo a partir de gestos mecânicos, eu já sei o que vai acontecer. Meu sentir fica limitado e buscando o resultado previsto. Desse lugar, a educação acontece sem encantar. De acordo com Marendino e Nhary:

trata-se da necessidade de uma pedagogia sensível, que chame o corpo a participar ativamente das práticas de ensino, que o compreenda como encarnado em sua vitalidade e potência, que perceba suas manifestações lúdicas, que o reconheça como parte do próprio processo de formação humana (2019, p.272).

A criança tem esse encantamento dentro dela o tempo todo. A professora gira um tecido e eu escuto do Pedro: “Ela tá fazendo o vento pular corda!”

Os olhos das crianças nos chamam atenção para as sutilezas que nossos olhos adultos têm dificuldade de ver. Para chegar nesse lugar de prazer e liberdade é preciso transcender processos disciplinados. O corpo do professor, nem sempre de forma consciente, busca mais levar a criança para onde ele está que saber por onde ela anda. E, quando a criança faz o convite inverso, ele sente medo e a criança acaba sendo vencida pela razão imersa em “sabedoria de corpo adulto”.



Arquivo pessoal de uma professora

Mergulhar no mundo da criança é respeitá-la enquanto sujeito e abrir-se para a experiência de ser um corpo que assume riscos, um corpo que sente a educação acontecendo dentro de si, sendo capaz de vibrar com as conquistas diárias que vão dando esperança para o caminho e mostrando que a aprendizagem pode acontecer por muitas vias.

Ainda que existam as regras, temos a liberdade de ser nosso próprio continuar. Quando estou junto com a criança, estou no incerto de seu mundo espontâneo que é diferente do meu. Isso me provoca um misto de sensações. Eu nem sempre sei o que fazer, mas eu gosto que elas me levem por caminhos que meu corpo não pensaria em percorrer.

Isso acontece a todo instante na escola, mas poucos percebem a imensa vontade da criança de mostrar como é o seu mundo e o que ele quer nos contar. A criança nos lembra da natureza da infância e cria condições para que possamos fazer nosso próprio resgate. O que resgatar? A leveza de simplesmente estar, explorar e descobrir.



Energia de vida deixada pelas crianças na pele da professora

Tudo que vem pronto impede nossa autonomia de nascer e se desenvolver. E as crianças, cheias de vontade de explorar o mundo, se tornam corpos passivos e sujeitos aos comandos de um adulto. Mas as crianças continuam a nos aplicar lições diárias de encanto.

A criança se move com surpresa, me convida a ser dono de meu próprio processo de criação e sem saber, me liberta da condição de adulto obediente. Ao tomar um tempo para observar as crianças, nossa pele é contagiada por energia de encantamento. É aí que nos reconectamos a essa parte sensível, que fica lá, meio esquecida e se ativa quando o que a criança faz, reverbera em nós.

“As crianças me ensinaram a não levar a vida tão a sério. Ir mais pela via do afeto que da lógica. Minha sensibilidade se aflora quando me envolvo, brinco junto e sinto que consigo entrar no universo delas. Nesse momento sinto que abro uma janela”.

– Professora com uma janela aberta entre seus poros-



Foto cedida pela SÍntia, mãe do Pedro



Foto cedida pela Marcelle, mãe da Lara

Muitas vezes durante um ano inteiro, nos frustramos por não saber o que fazer com um aluno de inclusão, que desafia nossa formação despreparada para atuar na diversidade. O inesperado sempre chega para sacudir nosso planejamento que pensamos estar tão bem estruturado. É preciso abrir-se para aprender com as crianças através das experiências que vivemos com elas.

Caio tem paralisia cerebral. Ele não fala, não move o corpo, mas se expressa com o rosto. Silvia enxerga Caio. Percebemos isso pela forma como ela se comunica com ele: - Caio! Olha! A minha filha está crescendo (diz isso com uma boneca nos braços). E continua: - Agora Caio, você vai pilotar o carro (com o auxílio de um adulto, Caio é colocado sentado de frente para o volante do brinquedo). Ele ri. Silvia acaba de criar um método de inclusão para Caio.

Bruna também abre um espaço para o Caio existir quando ele começa a chorar e ela chega perto dele e começa a cantar a música: “Borboletinha, tá na cozinha...” E para a surpresa de todos, ele para de chorar. Existem saberes e sensibilidades dentro de uma criança que tendemos a ignorar porque o nosso próprio conhecimento nos cega. Elas, que

estão na mesma fase da vida, podem nos ensinar por uma via que muitas vezes nosso corpo adulto não costuma percorrer assim, tão naturalmente.

Quando os professores se conscientizarem do enorme valor de suas experiências e tentativas de livre criação, deixarão que a criança experimente mais. E aos poucos, vamos ganhando a consciência de que tudo fica mais leve quando a criança não está sob o meu domínio. Eu simplesmente estou em sua companhia e respeito seu direito de existir (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 1993). Geralmente estamos mais atentos ao que queremos que aconteça do que ao que está acontecendo ao nosso redor e não percebemos que a vivência também pode ser um elemento (trans)formador.

Temo, que pelo medo de nos deixar encantar, terminemos enraizados e caminhando em círculos, em um jogo mecânico de espelhos que reproduz, resseca afetos e nos faz esquecer que não há maior distância do humano que a máquina.

O que vou buscar em mim para promover o melhor encontro possível com as crianças? E ao simplesmente deitar na grama e ver o adulto se encolher como uma bolinha, escuto uma voz dizendo:

- “A grama tá tendo uma filha!!!” Era Sara, de apenas 6 anos. Como ignorar o que acabo de ouvir? Como não entender que, diante das crianças, vou além dos lugares que já visitei de mim? E esse ir além é tudo que elas precisam e eu também.



Eu e Carmen em atividade na Guatemala

O que podemos aprender de frente para o mar . . .

Um dia fomos à praia. Maria desce as escadas toda animada: - Eu nunca brinquei disso! Ela se joga na areia e diz que é uma sereia. Rosa brinca um pouco na areia e depois pega uma peneira e começa a catar conchas.

Os meninos resolvem carregar uma pedra grande. Sim! Existia o risco da pedra cair em seus pés e machucar. Mas ali existia também um trabalho em equipe sendo

realizado e eles diziam que era um tesouro. Vinham animados até que um adulto grita: - Larga essa pedra, vai machucar! Uma das crianças diz: - Não é uma pedra tia. É um tesouro!

Como adultos pensamos logo no que pode acontecer de pior. E talvez seja mesmo nossa responsabilidade minimizar as chances de que certos acidentes aconteçam. As crianças têm menos noção do perigo. Mas...temos mesmo sempre que dizer NÃO quando enxergamos um risco? O adulto poderia ter ajudado a carregar a pedra e assim, minimizado o risco sem romper a fantasia das crianças com a ordem: - Solta essa pedra! O desafio é esse. Pensar como andar pelo universo infantil com olhos de adulto, sem esmagar a fantasia com pés de gente grande.

Percebo que estar na praia de certa forma acalma as crianças. A textura da areia em suas peles, a criatividade e a imaginação acontecendo entre baldinhos e pás. Quase não vejo conflitos. O que eu vejo surgir são bolos de conchas, buracos sendo cavados e experimentados e o Daniel, que concentrado, diz que está criando um furacão.

- Sai do sol! - grita mais um adulto. Estamos na praia, mas os adultos parecem não conseguir entender o que as crianças lhe dizem diante do mar. Existem saídas mais sensíveis que gritar. Podemos passar o protetor solar com eles ou convidar as crianças para experimentarem também a sombra. Mas o que vejo é que nós, adultos, não conseguimos ter a calma para perceber como é violento esse processo de gritar e dar ordens. Subestimamos as crianças ao esperar apenas obediência de seres com tanta potência.

A questão do cuidado é fundamental. Porque o professor que grita também se violenta. Uma educação libertadora é aquela onde cuidamos do nosso mundo para poder cuidar ou ao menos entender como acolher melhor o mundo do outro.

“Os lugares são as pessoas que os habitam” (FERRARO, 2018, p.29). Como nos cuidamos dentro do ambiente escolar para que estar ali valha a pena? Se “aprender é sentir” (FERRARO, 2018, p.64), é preciso criar espaços onde as sensações do corpo possam ser vividas. As crianças devem ser acolhidas em seu sentir e se pensamos que aprendemos pelo que sentimos, seus corpos não podem ser ignorados em suas expressões e o professor, enquanto facilitador de um processo de aprendizagem, tem o desafio de entender junto com as crianças, como o mundo de cada um pode encontrar uma forma de caber dentro de um espaço que é de todos. Sentir que pertencemos a um lugar, aconchega

e dá segurança. E isso é tudo que precisamos para encorajar os passos na direção da autonomia que também é importante conquistar.

Rosa é uma das últimas a se juntar ao grupo para sair da praia e voltar à escola. Catou conchas por um bom tempo e voltou com a peneira cheia! Feliz, disse que estava levando um pouco para o irmão menor e que com as outras conchas faria uma colagem. Um adulto corta esse momento e diz: - O que é da natureza deve ficar na natureza. Escolhe três para levar e joga fora o resto! A reação de Rosa foi abaixar a cabeça. Ela sabe quem tem mais poder ali. Nem esse gesto foi capaz de sensibilizar. A menina imóvel não conseguia se desfazer das conchas. O que elas significavam para ela? O esforço de muitos minutos escolhendo cada concha foi desconsiderado sem cuidado, porque o adulto acha que é o certo e ponto. Ao final, o adulto escolheu as três conchas pela menina e jogou o resto na praia.

Entendo o olhar da professora. As conchas servem mesmo para manter o ecossistema marinho. Como fazer para explicar as coisas para as crianças com cuidado e levando em conta seus esforços e sentimentos? Na maioria das vezes, tomamos atitudes nas quais o nosso conhecimento vem imposto e não partilhado de uma forma que a criança não seja ignorada neste processo.

Quando impomos e ordenamos, jogamos nossa força sobre a criança e praticamos um ato violento, que muitas vezes passa despercebido. Estamos tão cegos pelo nosso grande conhecimento adquirido por anos de estudo e tão dessensibilizados por formações de corpos imóveis, que muitas vezes não percebemos as possibilidades desse coexistir dos desejos. Afinal, quantos professores tem a chance de sentir no corpo, a educação do afeto e da escuta-sensível? Eles também foram corpos violentados.

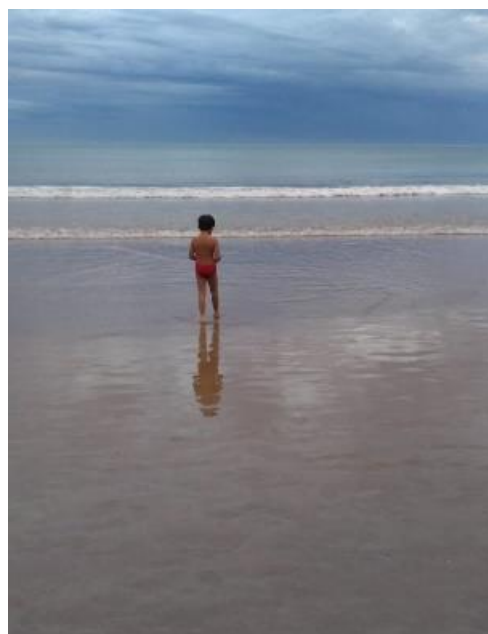


Foto cedida pela Renata, mãe do Davi

A VOZ DAS PROFESSORAS EM MIM

Depois de resgatar minhas experiências com as crianças é hora de escutar as professoras. António Nóvoa, professor universitário português, em uma conferência em 2020, falou da questão da homogeneização da formação dos professores e dessa ideia de que são os teóricos que vão nos dizer o que fazer. Ele diz que é no chão da escola que se faz educação e que é a partir dos diálogos que encontraremos as soluções. Nóvoa propõe uma formação continuada dos professores, na qual eles sejam participantes e não meros observadores de apresentações e aulas, como se não tivessem nada a contribuir para a criação de novas práticas pedagógicas.

No caso da Educação Infantil, quando buscamos encontrar os caminhos para uma educação mais próxima da nossa natureza é preciso entender que alternativas de relação são possíveis de serem construídas com as crianças, diante de uma formação que foca na transmissão de conhecimento. Com uma formação unilateral, que ainda centra todo o processo de aprendizagem no professor, fica mesmo difícil esperar que o mesmo processo não continue acontecendo com as crianças deste tempo. A padronização esmaga a criação, fazendo com que o desafio de humanizar o ato de educar se torne cada vez maior. Passar da linha de produção para nossa autocriação, como seres interdependentes, mas também singulares que somos, depende não só da conscientização de que é preciso que a sensibilidade esteja presente nesse estar com as crianças, mas também dos movimentos que conseguimos fazer para que ela apareça em nosso olhar, gestos e atitudes.

A singularidade, individualidade e diversidade que encontramos entre as crianças, também permeia o corpo docente e suas ações. Existem professores fugindo da fórmula pronta, por uma educação que faça mais sentido para eles e para as crianças, mas a maioria continua presa em um sistema que limita o movimento dos corpos e usa a força da hierarquia para promover aprendizagens forçadas e desprovidas de encanto.

Eu queria entender um pouco mais sobre esse olhar adulto que divide espaço com as crianças na Educação Infantil. Pensar, junto com as professoras, sobre as marcas desenhadas em nossas peles pelos gestos infantis e saber como elas nos afetam.

“AFETAR denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer [...] É precisamente na experiência desse percurso do afetar que a pesquisa acontece” (CARVALHO; LAZZAROTTO, 2012, p.24).

Conversar com as professoras online foi o possível diante da Pandemia de Covid-19 que nos exigia um distanciamento social. Encontrei ao todo 20 professoras que trabalham em turmas de Educação infantil de escolas públicas e privadas. Seus nomes foram substituídos por palavras que trazem um pouco das emoções que senti ao conversar com elas. Meu desejo é preservar suas identidades e mostrar que o professor é mais que apenas conteúdo. Suas peles, ecoam...

Marquei a data e, clicando no link da plataforma, lá estávamos nós transportadas para nossas salas de encontros virtuais. Comecei conversando com apenas uma professora de cada vez em encontros individuais. Mas, depois de seis encontros, achei que as coisas que estavam sendo ditas eram tão interessantes, que as professoras deveriam se escutar. “Não se habita o mundo da mesma forma quando nos pomos a escutar o silêncio da noite, o farfalhar do vento nas folhagens, as ondas do mar quebrando na praia[...]” (ARANTES, 2012, p.91). Coloco assim, porque as cenas que as professoras compartilhavam me traziam sensações parecidas com essas, de balançar... Muitos conceitos podem ganhar outras perspectivas quando trocamos mais com o lado de dentro e eu gostava de não habitar o mundo da mesma forma após cada conversa. Isso me dava a sensação de que de alguma forma, esse encontrar, também me movia por dentro. É bom esse pesquisar-metamorfosear! Crescer, de uma forma menos solitária, em contato com essa palavra outro:

Palavra outro não apenas de um outro que não sou eu, mas também, de outro-eu, isto é, daquele em quem me torno ou posso me tornar pela tensão da conversa, pela partilha da fala, pelos ecos que a palavra do outro produz em mim (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2018, p.164).

A conversa como metodologia, nos dá essa chance de aprender ao compartilhar e se misturar com outras experiências. O corpo, em contato com outras histórias, se identifica, surpreende, estranha, critica, se emociona, se revê, vibra, se contagia e, por fim: aprende. Aprender em meio a sensações assim é uma sorte. Na conversa, tudo acontece sem que possamos prever o que vem e no encontrar dos corpos, surge esse aprender liberto do mecanismo de ler, copiar, decorar e reproduzir.

As primeiras conversas com as professoras abriram meu olhar e o caminho. Atravessamos juntas suas infâncias, memórias de seus tempos na escola, chegando até o momento em que escolheram a Educação Infantil. Falamos também de suas dificuldades, aprendizados, sobre o brincar dentro e fora da escola e situações curiosas que viveram a partir dos gestos das crianças.

A ideia era que a conversa fosse leve. Queria acompanhar suas vivências por acreditar que se pode aprender muito das experiências de uma professora e que por isso, seus depoimentos são importantes e essenciais para pensar o gesto infantil e a relação do adulto com as crianças na escola. Não há como pensar caminhos para a educação sem ouvir também as professoras, “vozes dos sujeitos comuns, pessoas que fazem acontecer o educativo, com toda a sua força poética” (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2018, p.177).

Os primeiros olhares adultos foram se desenhando. Pude perceber que estamos falando de muitas escolas. Cada uma com seu jeito de funcionar, olhar para os pais e para a realidade das crianças. Ouvi sobre escolas onde os pais participam muito pouco e outras, onde os pais parecem ser os donos, por pagarem uma mensalidade e pela forte concorrência entre escolas privadas no mercado estudantil.

Em meio as histórias, encontrei escolas onde a professora tem espaço para partilhar suas experiências com a direção e outros professores, ao mesmo tempo que ouvi o relato de vivências que me contaram sobre um trabalho tão solitário que pesa, pesa muito.

Entre as dificuldades jogadas na roda apareceram: manter a atenção das crianças que sempre parecem ter muita energia; a vontade de criar em contraste com a forma como a escola impõe um modelo a ser seguido; o desafio de lidar com a violência entre as crianças e as questões da inclusão, principalmente com crianças que não se expressam a partir da fala.

Também foi apontada uma cobrança cada vez maior para que os alunos saiam da Educação Infantil sabendo ler e escrever e uma crítica muito forte à adoção de livros didáticos, principalmente na faixa etária de 4 a 5 anos. Foi dito que o material é descontextualizado, sem sentido para as crianças e que torna as atividades direcionadas demais, reduzindo a mobilidade corporal dos pequenos. Com isso, o professor perde grande parte de sua liberdade e o tempo para brincar livre fica reduzido à 20/30 minutos

por dia. “Prefiro trazer os sentimentos/interesses dos alunos pra sala de forma lúdica, mas nem sempre é possível” – diz **Saudade**.

Mergulhamos um pouco em suas próprias infâncias. A maioria falou de como era bom brincar na rua e no quintal e que essas memórias fazem com que tentem resgatar brincadeiras tradicionais e coloquem o brincar como essencial para o desenvolvimento da criança. “Quando você vivencia na pele a importância do brincar, o que fica é o que as crianças conseguem sentir com as mãos, os pés, tocar, cheirar...” - diz **Esperança**.

Falamos também das memórias da escola. Algumas lembravam de estar correndo pelo pátio e outras de estar fazendo cópia de cara para o quadro.

De repente, entramos no tema da formação dos professores. Foi unânime a opinião de que a faculdade não te prepara para o que você vai encontrar na escola. Algumas contaram que tinham ido buscar uma outra formação, como psicopedagogia, arte terapia e até gestão escolar. “Falamos tanto na faculdade e parece que alguma coisa se perde entre esse aprender universitário e a chegada na sala de aula. As instituições de Educação Infantil se tornam cópias da Educação Fundamental que vão aprisionando as crianças” – conta **Harmonia**. Será que falta à teoria da universidade uma sensibilidade que atravesse o corpo dos futuros professores a ponto de conseguirem perceber que é preciso desenvolver um olhar sensível para as crianças? **Maria da Paz** acrescenta: - Eu saí da faculdade com a sensação de que me faltava alguma coisa. Dentro dela eu me perguntava: “Eu leio esse livro porque tenho uma avaliação para fazer ou por prazer?”

Esperança me fala sobre um curso onde conseguiu notar seu corpo: – “Pude perceber meu corpo e passei a me fazer a pergunta: como perceber o corpo da criança se a gente tem um corpo adulto meio tolhido, fechado... Assim fica muito difícil.” **Resistência** ressoa com a frase: - “Eu cuido do meu corpo e isso reverbera na forma como chego na sala de aula.” O corpo, aqui, aparece como algo importante. Como se nossas ações de adulto na direção da criança, dependessem da forma como olhamos para o nosso próprio corpo.

Foi muito bonito quando chegamos na questão do que se pode aprender com uma criança. **Saudade** disse que “O que mais aprende com as crianças é sobre a facilidade com que eles resolvem os conflitos e a curiosidade para aprender sempre coisas novas. Eles não ficam estagnados!” **Esperança** conta que seu maior aprendizado foi desenvolver a escuta.

Resistência compartilha: “Com a criança eu aprendo a me silenciar. Às vezes eu programava muita coisa e projetava neles essa questão de dar conta de tudo no meu ritmo. Aprendi que algumas vezes devo parar aonde conseguimos ir e retomar as outras atividades depois. É sobre o imprevisível e não o palpável”. E **Maria da Paz** divide as sensações de crescimento que teve quando diz: “- Eu aprendo com as crianças que o que eu acho que eu sei eu não sei, que nós não temos verdades absolutas, que se não passar pelo afeto não adiantou nada, que não existem dias nublados, a resgatar a criança que mora dentro de mim e a ter empatia (elas fazem isso com muita naturalidade).” E para fechar, **Alteridade** solta a frase: - “Minha maior motivação é minha própria transformação acontecendo no contato com as crianças.”

Essas partilhas me fizeram pensar que poderia existir uma forma de sensibilizar a palavra CONHECER. Barros e Morschel (2012, p.61) me disseram que isso era sim possível. Elas falam que a produção de conhecimento “tem caráter inventivo em constante movimento de transformação”. Ler essa frase me deixou à vontade para pensar que toda experiência então, se torna capaz de “inventar” um conhecimento a partir das sensações de um corpo em constante processo de afetar e ser afetado, gerando com isso as tais marcas sobre a pele, que depois vão resultar em nossas ações.

Aventura me emociona quando diz que foi salva várias vezes pelos gestos das crianças. “A marca que carrego delas é essa amorosidade, essa empatia que atravessa a infância de um jeito que a gente perde no caminho, porque vai ficando com medo de se relacionar com abertura. Está em mim esse olhar fraterno para o humano que as crianças conseguem ter, como se nos reconhecessem como alguém em perfeita desordem. Elas percebem a desordem do outro, se identificam e no geral acolhem. Eu brinco que eu fui colocando em uma mala o que me faz feliz e é com ela que eu vou à escola. A criança parece conter uma energia vital e isso te transforma.”



Um aquário traz o fundo do mar para dentro da sala

Perguntei como elas achavam que as crianças gostavam mais de aprender. A maioria respondeu: brincando. **Coragem** diz: “Não deveria haver a hora do brincar. Tudo

deveria ser uma grande brincadeira. Na Educação Infantil você percebe que tem algo vivo na criança que com o tempo vai se perdendo. Nas brincadeiras livres, consigo observar como eles criam, inventam, interagem... Como formam os grupinhos, quem é o líder ou quem está mais isolado, excluído. Eu aproveito muito do que observo e, quando vi que as crianças se interessavam pelas pedras, comecei a usá-las para falar dos conceitos de maior e menor, falar sobre as cores... E também peguei o tema dos dinossauros quando vi que eles falavam muito sobre isso. Mas é bem difícil incluir as crianças autistas nas brincadeiras e lidar com alguns comportamentos agressivos que surgem durante as atividades”.

“Nas brincadeiras as crianças trazem cenas do cotidiano, transformam objetos em qualquer coisa e as maiores emoções que eu percebo são a agressividade e a curiosidade” – diz **Saudade**. “Como gostam mais de aprender? Pelo corpo! Assim a aprendizagem acontece de forma mais orgânica. Se uma criança gosta muito de ir para a areia, por que não trabalhar os números com ela na areia?” - fala **Resistência** sorrindo.

“Eu lembro que eu aprendia melhor quando me levavam ao supermercado, ao zoológico...” – diz **Maria da Paz. Esperança** diz que gosta de ir com eles ao pátio e disponibilizar materiais como sucata, tecidos e outros para que experimentem: “Você não tem um roteiro com as crianças, mas sinto falta de passeios e projetos pensados com elas.”

Harmonia completa dizendo que o “O aprender brincando ainda é mal interpretado. Não é dar um jogo para a criança aprender as cores. É cuidar dos espaços para enriquecer as experiências para que a própria criança possa criar formas de aprender as cores”.

Durante a conversa surgiu o tema da frustração. **Resiliência** fala que o que lhe frustra é não conseguir dar o atendimento que a criança precisa, quando por exemplo sente crianças de 3 e 4 anos muito sexualizadas. Falta apoio para essas situações mais difíceis. **Liberdade** diz que seria preciso ter uma psicóloga nos CEI’s (Centros de Educação Infantil), pois muitas crianças apresentam questões emocionais que as professoras não tem como lidar sozinhas. **Aventura** admite que muitas vezes quando não sabia o que fazer, colocava a criança no colo, no mesmo “corpo-ninho” que ela conheceu na sua infância.

Esperança conta sobre uma vez em que levou areia pra dentro da sala, já que não lhe foi permitido levar as crianças à praia. Estavam em um projeto chamado Fundo do Mar e era o único desejo das crianças que ainda não tinha sido realizado. Então, “a praia foi criada dentro da sala e as crianças se divertiram muito!”

Muitas disseram que tentavam fazer propostas diferentes, mas viam muita resistência por parte da direção e de professores que trabalham há mais tempo na escola. “Às vezes me pergunto se vale a pena. A gente passa anos estudando, devolve a pesquisa para a rede pública, mas, na hora de fazer acontecer, sempre existem outros interesses políticos e o que vemos é uma Educação Infantil pobre. Por mais que a gente avance, parece que o pé tá fincado” – diz **Harmonia**.



A praia dentro da escola

Confiança se questiona: “Quanto perdemos dos pequenos gestos pela correria do dia a dia? Quantas vezes me vi fazendo o que criticava por não ter tempo para pensar em outra coisa?”. Falamos também sobre o valor que é dado a Educação Infantil. A escola é apenas um lugar para deixar as crianças enquanto os pais trabalham ou um espaço de encontro onde estamos comprometidos com o desenvolvimento da criança? Será que os tais resultados que esperamos das crianças fazem mais sentido para as crianças ou para os adultos envolvidos na sua educação? E foi assim que **Alegria** nos contou sobre a importância da escola envolver os pais nas atividades e de usar um tempo das reuniões com eles para explicar sobre o porquê da escola ter essa ou aquela linha de atuação.

“Os Centro de Educação Infantil ainda são vistos como depósito de criança, mas eu tenho um desejo de mudança. Sinto que para fazer diferente tenho que me desconstruir. Já me senti muitas vezes sem o equilíbrio necessário para lidar com as situações cotidianas. Uma vez pendurei as pinturas que as crianças fizeram na parede e a diretora veio perto de mim e falou: - Tira, por favor, porque não está bonito. Eu tirei, mas aquilo ficou em mim” – se emociona **Confiança**.

Muitas professoras contaram que escolheram a Educação Infantil devido à boa infância que tiveram, os vínculos fortes e as lembranças de experiências de brincadeiras

com seus pais e avós. **Esperança** trouxe o tema do vínculo, contando sobre uma das razões que a fez se apaixonar pela Educação Infantil. “Sabe quando dois olhares se encontram? Aquele abraço que te faz querer voltar no dia seguinte? É isso!”

Resistência traz um lindo relato sobre um passarinho morto que foi encontrado pelas crianças no pátio da escola. As crianças deram a ele o nome de *Voa Voa*. “Eles fizeram o enterro do próprio passarinho e ao sentar em roda em volta do buraco onde colocaram o *Voa Voa*, começaram a falar das pessoas de sua família que tinham morrido. Uma linda oportunidade de trabalhar o próprio luto.”



Enterro do Voa Voa

A professora conta que ela não interferiu em nada. Tudo foi pensado pelas crianças e o tema da morte surgiu de forma espontânea entre elas. “Como não parar nossa programação para ser espectador de cenas como essa?” – ela pergunta.

Calma diz que é bom ter um planejamento, mas aproveitar as vivências que as crianças trazem tem lhe interessado mais.

Confiança foi marcada pela frase: - *Eu não gosto de abraço tia*. E aprendeu que “nem sempre as crianças vão querer o que temos vontade de dar”. **Sinceridade** aprendeu com um aluno cadeirante a como andar diferente pelos espaços e com uma criança deficiente visual, descobriu a sentir a vida desde outras perspectivas. “Foram essas crianças que me guiaram por lugares que eu não estava acostumada a estar”.

Resiliência diz que sua formação foi mais fechada. “Tenho um pouco de dificuldade, um pouco de resistência em fazer diferente, mas depois dessa conversa eu penso que talvez seja importante tentar fazer movimentos para quebrá-la”.

Leveza diz que ainda está aprendendo a olhar, que nunca estará pronta. “Eu tinha um aluno que amava meus olhos. Ele dizia: - Teu olho é de jabuticaba! Mas nem todos os toques são suaves. Entendi o que era um toque de dor quando um aluno me apertava

tanto que chegou a me machucar. Ele não sabia o que fazer com o que sentia e nem como estar naquele lugar. Isso me marcou demais!”.

“Para EXPERIMENTAR vista-se de não senso. Abandone a cronologia e habite o tempo que flui no movimento de pensar” (LAZZAROTTO, 2012, p.99).



O imprevisto marcado na pele

Todas essas experiências estão imersas em gestos infantis e peles marcadas por elas. **Paciência** diz que “o gesto das crianças muitas vezes conduz o seu trabalho. A criança mostra o caminho, dá um novo olhar e muitas vezes estão um passo à frente. Se eu tivesse que pensar uma marca que me deixaram diria a transparência. Parece que a criança te dá uma imunidade do mundo lá fora, como algo mágico que te faz esquecer os problemas”. **Alegria** fala das surpresas que surgem e que fica muito feliz em perceber como o cotidiano é modificado pela potência da infância.

“O sujeito não é estático. Eu escuto, eu olho, para poder entender. O gesto infantil é tudo! É preciso um olhar diário. Ter por exemplo a arte como motivo e não como uma aulinha para distrair. Conversar com a criança porque ela entende. Deixar a criança experimentar e realizar suas criações, porque o mais importante é o processo e não o resultado. É no durante que a criança se constrói. Por isso é importante valorizar o esforço de cada trabalho e se interessar pelo movimento que levou essa criança a chegar até ali” – diz **Alteridade**.

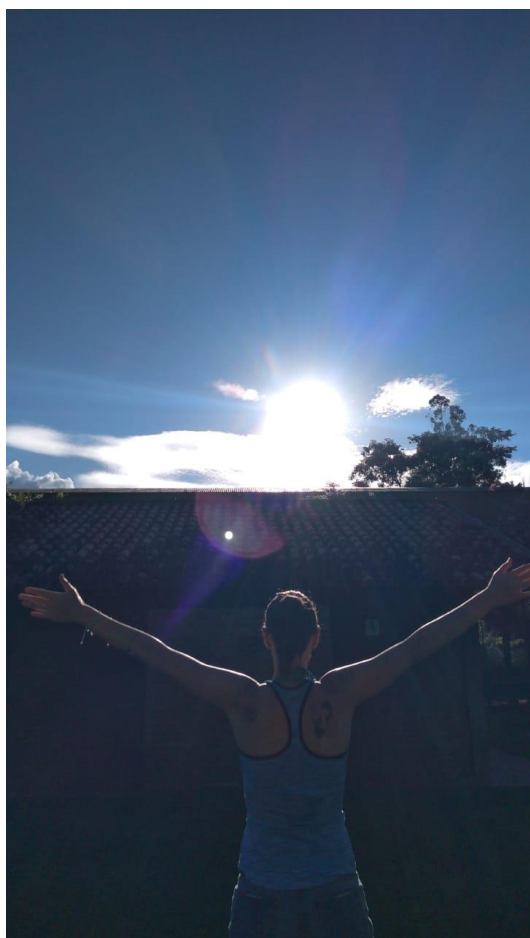
Particularmente, encontrar essas professoras me mostrou o quanto é importante abrir essa via de diálogo entre educadoras e criar uma rede de apoio e troca, pois a criança é, sim, um ser desafiador e provocador de nossos sentidos. Sem contar que o caminho fica muito melhor quando compartilhado!

Mais do que conhecer, OUTRAR, transmutar em pesquisa. “[...] outrar implica uma fronteira em movimento, uma estranheza que começa a ganhar contornos (fluídos) e que, por isso mesmo desloca, desequilibra, interroga” (RICKES; SIMONI, 2012, p.179).

O poder da conversa é muito grande. Troca, colocar na roda algo íntimo, mas que ao mesmo tempo, pode ser comum a outros. Um pesquisar no generoso acolher das experiências, que entre estranheza e inteireza, reconhece a potência do compartilhar das sensações corpóreas, na expansão do conhecimento em diálogo.

Vivências, que ao ganhar espaço de escuta, se tornam capazes de atravessar fronteiras, marcar peles alheias e nos fazer sentir que o corpo que sentou para a partilha, não é o mesmo que se levanta para seguir a vida. O gesto infantil, elo que uniu essa rede de aprendizagem cirandeira, tem esse mesmo poder: nos deslocar para que possamos enxergar novas possibilidades de encontro e caminhos outros para uma Educação Infantil, que, como esses relatos mostram, é encharcada de uma sensibilidade que não pode mais ser ignorada.

Meus braços sob o sol se unem aos pés de outras mulheres no chão da vida. Damos passos carregados de afeto entre pele, unhas e dedos. Um corpo formado por tantas docências e as infâncias a marcar...



...esse corpo EU,

esse corpo SEU,

esse corpo NÓS

...



RECOMEÇOS: QUANDO OS GESTOS DAS CRIANÇAS RENOVAM O CAMINHO



*“A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que
houver
Saltando e cantando rindo
E gozando nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena”.*
(Fernando Pessoa/Alberto Caeiro)

Se o dia a dia escolar fosse de pura conversa, **SOBRE O QUE FALARÍAMOS COM AS CRIANÇAS?** Quais seriam as formas que encontraríamos para nos comunicar? Essa resposta “requer uma disposição interna para brincar” (MACHADO, 2015, p. 129). Brincar com um mundo diferente do nosso. Brincar com o aprender acontecendo espontaneamente entre corpos pequenos e grandes. Como são nossos diálogos com as crianças?

Brandão nos conta sobre um ensino fora do espaço escolar. Diz que esse lugar é “da vida e do trabalho: a casa, o templo, a oficina, o barco, o mato, o quintal” (2007, p.32). Continua dizendo que a escola foi criada quando se começou a repartir os saberes em áreas especializadas, fazendo com que se tivesse que criar a pessoa que ensina e aquela que é ensinada. Antigamente o saber era da aldeia. “Este é o começo do momento em que a educação vira o ensino, que inventa a pedagogia, reduz a aldeia à escola e transforma “todos” no educador (2007, p.27).

No livro *O Desemparedamento da Infância: a escola como lugar de encontro com a natureza* (BARROS, 2018), entramos em contato com a importância de levar as crianças para o lado de fora. Nem todas as escolas possuem área verde ou grandes pátios, mas só

o fato de sair da sala e sentir o sol, já estimula o corpo de uma criança de outras formas, ativa sua curiosidade:



Foto cedida pela Adélia, mãe do Davi Lucas

[...] o convívio com a natureza na infância, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento integral da criança (BARROS, 2018, p.17).

Existem crianças que percebem mais o entorno, como o Miguel, fechando os olhos para sentir o sol bater na sua pele e a Rosa, que vê que o chapéu de purpurina do José brilha quando o sol bate nele.

Estamos no pátio e muitos brinquedos estão espalhados, mas também tecidos e panos. Os meninos os pegam para fazer capas e brincar de rei. As meninas se envolvem neles e viram fadas.

Daniel olha para o céu e vê as gaivotas. Abre os braços e começa a imitar seu voo. Eu interfiro e faço uma pergunta. Ele olha para mim e sai correndo. Eu, achando que ajudo, faço com que ele perca a gaivota em que se transformava há poucos minutos. Me sinto mal e penso que muitas vezes atrapalhamos processos espontâneos que deveríamos deixar acontecer. Queremos que tudo tenha uma explicação, quando o que as crianças querem é apenas poder brincar em paz.

O mesmo Daniel chega perto da Rosa e diz: - Posso cozinhar com você? Dessa vez não falo nada e aprendo com Daniel sobre os espaços e desejos de experimentar que devemos respeitar. Com as crianças entendi que é preciso dar espaço para que elas sejam, descubram, se escutem, experimentem as possibilidades e limitações de seu corpo, sintam

suas emoções, etc. Não é necessário interferir a cada instante, direcionar cada atividade, planejar cada passo, pensar cada detalhe. Conversar com as crianças tem muito mais cara de diálogo quando a via é de mão dupla, em movimentos de vai e vem, um corpo reconhecendo a presença do outro no mesmo espaço.

Cada criança tem seu jeito e seu tempo de conquistar sua autonomia. É preciso deixar que elas façam o caminho, que explorem os espaços internos e externos. É claro que em alguns momentos, elas precisam de ajuda, mas é importante perceber que nem sempre esse apoio tem que vir do adulto. As crianças também podem ser essa mão estendida, uma palavra de carinho, um abraço bem-vindo. Outra coisa que noto é que podemos ajudar mais as crianças, quando em meio a tudo que somos, conseguimos nos abrir para receber o mundo da criança.

Crianças precisam de limites. Ouvir “SIMs”, “NÃOs”, aprender a conseguir por seu próprio esforço e lidar com as frustrações. Mas será que o adulto está preparado para ouvir os “sims” e “nãos” ditos pelas crianças? Respeitar o limite que a criança também lhe dá?

Dentro da sala também é possível sair do convencional. Percebo que existem jogos de mesa para os quais as crianças criam suas próprias regras. Elas me perguntam o que está escrito na carta do jogo. Eu falo. Elas me dizem: - Não, não é isso! Eu fico sem saber se digo que sim ou se deixo elas continuarem o jogo do jeito delas. Então simplesmente continuei observando e elas continuaram o jogo. Entendi que nem sempre as soluções têm que vir do adulto. As atitudes das crianças muitas vezes nos desconcertam e não sabemos mesmo o que fazer. Podemos, mesmo na posição de educadores, nos permitir não saber e, por vezes, deixar que elas decidam. Isso é sinal de que ainda existem coisas por descobrir e esse é o grande motor da educação: os caminhos por desvendar.

Ao observar as crianças em movimento, percebi que é importante saber o momento de entrar e sair de uma brincadeira livre ou direcionada. O adulto introduz, explica, mas quando a brincadeira está fluindo, pode experimentar dar alguns passos para trás e só observar. É nesse instante que podemos nos surpreender aprendendo, quando silenciarmos nossas certezas para ouvir a voz das crianças e acolher suas expressões em movimento.

Se decidirmos sempre por elas, vamos torná-las dependentes. Elas nem sempre terão alguém mediando tudo em suas vidas. E aos poucos, devem começar a experimentar

tentativas de resolver os conflitos que surgem. Por isso, devemos ter mais confiança no que uma criança pode realizar. Mas para isso, não podemos puxá-la sempre pela mão. Nós na frente e ela seguindo o rumo que damos para o barco. Devemos andar ao lado, acolher o que vier e, muitas vezes, ter a humildade necessária para andar atrás dela, a observar seus passos que, com certeza, tem muito a nos dizer.

Quanto mais paramos para observar os gestos infantis, mais sensível fica o nosso olhar e, aos poucos, vamos aprendendo a nos aproximar do mundo da criança sem fazer muito barulho.

A seguir, compartilho algumas cenas que me marcaram e me ajudaram a ampliar e sensibilizar o olhar para o movimento das crianças acontecendo no cotidiano da escola.

As crianças foram, muitas vezes, para mim, pequenos **PINGOS DE CLAREZA**. O lado de fora parece sempre bem mais atrativo (mesmo quando está chovendo):

- Tá chovendo... Olha lá...tá pingando... (Marina)
- Olha o vidro da porta! Tá molhado... (Vitor)

Será que os pingos sobre o vidro não podem ser parte da aula de artes, mesmo quando a professora pensou em fazer desenhos com giz de cera? Se parte das crianças se interessa pela chuva, por que então a chuva não pode entrar na atividade? Será que é tão grave deixar o programado para outro dia? Mas se só as crianças parecem notar a chuva e dentro da sala a professora está preocupada que a atividade se cumpra, perde esse momento de expressão do interesse das crianças, porque está focada unicamente em obedecer ao tempo. Ao longo do dia, se observa uma série de rupturas dos processos criativos das crianças. Tudo é tão cronometrado, que a professora não consegue perceber que existem desejos naquele espaço impossíveis de serem captados pelo plano de aula.

A atividade é o desenho livre. Maria pega vários lápis para desenhar ao mesmo tempo. Experimenta as cores juntas no papel. Dar uma folha para a criança desenhar não é simplesmente depois recolher a mesma folha com um resultado. Existem inúmeras



cenar que acontecem durante o desenhar, mas como o objetivo final é o desenho, não percebemos a riqueza dos gestos das crianças interagindo enquanto desenhavam:

- Deixa ele fazer do jeito dele – diz uma criança quando a outra critica o desenho alheio.

Depois de fazer uma ponta no lápis, Bianca comemora: - Eu fiz uma ponta, olha! Marcela sorri. São as pequenas conquistas... As crianças compartilham seus feitos umas com as outras. Os adultos são acionados somente quando existe algum conflito ou quando querem mostrar o resultado para sua avaliação. As crianças parecem saber que é isso que esperam delas.

- Eu fiz um leão vermelho porque ele está com raiva. Ele quer caçar e não está conseguindo. (Gustavo)

- O **LÁPIS MÁGICO** me dá poder! (Felipe)

As professoras não ouviram nenhuma dessas frases. No planejamento poderia existir um tempo destinado a observar. Esse lápis mágico do Felipe podia virar uma história! E esse leão? Não pode ser uma ponte para chegar um pouco mais perto dos sentimentos do Gustavo? Aproveitar o que as crianças trazem para pensar em atividades mais próximas de seu universo e de seus desejos, pode ser uma proposta interessante de se experimentar. Isso também serve quando estamos contando uma história. O tema era a lenda da Vitória Régia:

“A Vitória-Régia é uma planta aquática... Vocês sabem o que é uma planta aquática?” - pergunta a professora.

- Uma planta que vive na água – diz uma das crianças.

- A almofadinha que o sapo fica quando quer lavar o pé na água – Vitória se arrisca. Mas a história segue. Nosso corpo adulto nem sempre está disponível para as intervenções das crianças. Existem pequenos momentos de beleza que passam tão rápido, que se não estivermos atentos, os perdemos.

QUANDO A PROFESSORA CONFIA NO POTENCIAL DA CRIANÇA é possível deixar que a própria criança resolva alguns conflitos:

- Tia, ela soprou no meu ouvido (Julia)

- E você não gostou?

- Não.

- Então fala pra ela:

- Manu, eu não gostei.

Manu: - Tá bem...

Existem questões que podem ser resolvidas pelas próprias crianças. Geralmente elas se resolvem de uma forma mais simples que quando um adulto intervém daquele jeito corriqueiro dizendo:

- Manu por que você fez isso com a Julia? Pede desculpa pra ela!

Claro que depende da questão, mas o olhar do professor deve usar da experiência para aprender a sentir quando sua intervenção é realmente fundamental e quando a criança pode resolver sozinha. Incentivar que a criança vá ganhando autonomia para resolver os conflitos que surgem é importante. A escuta e o olhar sensível de um adulto podem fazer toda diferença em quem essa criança será no futuro.

Um dia eu cheguei na escola e o projetor estava montado. A Joana tinha viajado e a professora pediu para ela nos contar o que aparecia nas fotos. Foi tão bonito! Ela feliz, enquanto as outras crianças faziam perguntas. Alguns ficaram dispersos, mas seu movimento não comprometia a atividade. Foi interessante essa ideia de **CONVIDAR A CRIANÇA PARA COMPARTILHAR ALGO DELA** com os outros, valorizando suas vivências.

Depois da apresentação, o projetor virou um lugar onde o José brincava de fazer sombras. Um elástico deixado em cima da mesa, virou brinquedo para Valéria. E aos poucos os alunos foram se organizando em grupos por interesse e vontades de brincar sem que a professora precisasse falar nada. Percebo que é necessário também esse tempo das crianças com elas mesmas.

Alguns professores têm a necessidade de passar a criança de uma atividade para outra. Tem essa ideia de que o tempo deve ser preenchido. Essa lógica da produção compromete o desenvolvimento dos pequenos. Sinto uma resistência a esses momentos em que “parece” não estar acontecendo “nada”. Será que em momentos de mais liberdade,

nos quais o controle não é do adulto, o aprender também não pode estar acontecendo? Como o dia em que a Paula estava empilhando uns bloquinhos:

- “Paula que legal o que você está fazendo!” Essa fala parece simples, mas quando estamos construindo nossa identidade e nossa segurança para andar no mundo é muito importante que alguém valorize nossas tentativas. Essa frase veio de uma criança. Quantos reforços positivos, nós adultos, damos às crianças em nossa correria diária? **O QUE AS CRIANÇAS ESTÃO TENTANDO APRENDER SOZINHAS?** Será que algum dia conseguiremos apenas sentar e nos abrir ao que vier? Dar uma pausa em tanta metodologia e simplesmente exercitar esse experimentar apenas olhar as crianças em ação?

Valéria deita no chão. Chora... seu corpo está rígido. Ela demonstra que não quer ficar na roda. Algo a incomoda. De repente um menino fala: - Ela fica assim quando está com medo. Mesmo sabendo que isso pode ser apenas uma interpretação dele, sabemos que nossos olhares adultos também são interpretativos. Então por que não dar ouvidos às crianças?

Se deixamos as crianças livres para brincar na sala, elas naturalmente se organizam pelo que as interessa. Mas aí a criança pega um jogo e ouve:

- Não vai dar tempo de espalhar e guardar essas peças! (São informações contraditórias... Posso ou não posso brincar livremente? – ela deve pensar)

Se dizem que a criança pode pegar um jogo para brincar ao acabar uma atividade ou se o brincar livre está acontecendo, por que não pode ser o jogo que ela quer brincar? Se não vai dar tempo, por que fazer tal proposta? O tempo é da criança ou do professor? O brincar tem uma função ou é só para distrair a criança enquanto dou conta de outras coisas?

Ao presenciar essas cenas fico pensando no desafio que é romper com essa formação que coloca o professor como o centro do processo de ensino-aprendizagem e como esse modo de funcionar, que exige do professor múltiplas tarefas, sobrecarrega e não permite que esse corpo-docente esteja sensível ao que acontece ao seu redor. Como valorizar e criar esses espaços de observação, para que os professores possam realmente conhecer as crianças com as quais encontra diariamente?

É como se as crianças soprassem pequenas bolas de sabão por dia. Seu gesto é fugaz, inesperado. Ele está ali, em transparência e fragilidade, impermanente e único, a sinalizar que as crianças estão, existem e precisam que as olhemos com cuidado e atenção. Como uma **BOLA DE SABÃO**, capaz de nos trazer pequenas alegrias em segundos, as crianças nos atravessam para reacender nossa capacidade de criar **RECOMEÇOS**, nos quais os **TEMPOS** sejam mais **LEVES, AFETIVOS e POÉTICOS**, por uma educação que passe também, pela sensibilidade dos corpos.

Quantas frases, pensamentos e sentimentos trazidos pelas crianças poderíamos aproveitar para criar uma pedagogia mais sensível? Uma pedagogia que desse as crianças o direito à explorar os espaços guiadas pela sua curiosidade e não para onde queremos que elas olhem. Observar as crianças por apenas um dia, uma hora, alguns minutos, poderia ampliar a visão do adulto e enchê-lo de surpresas inesperadas.



Mãe e Filho - Biblioteca de Rua/Guatemala

*“As bolas de sabão que esta criança
Se entretém a largar de uma palhinha
São translucidamente uma filosofia toda.
Claras, inúteis e passageiras com a Natureza,
Amigas dos olhos como as cousas,
São aquilo que são
Com uma precisão redondinha e aérea,
E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa,
Pretende que elas são mais do que parecem ser.
Algumas mal se veem no ar lúcido.
São como a brisa que passa e mal toca as flores
E que só sabemos que passa
Porque qualquer cousa se aligeira em nós
E aceita tudo mais nitidamente”.*

(Fernando Pessoa/Alberto Caeiro)



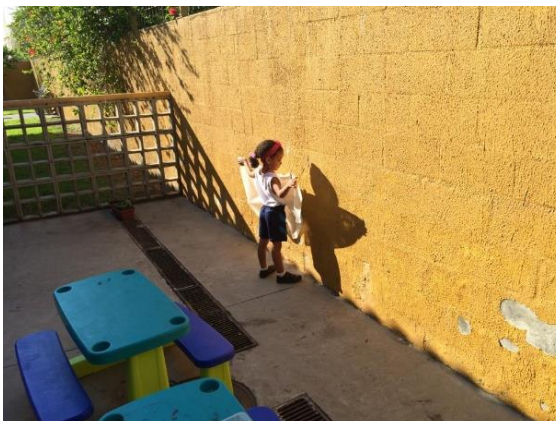
Foto cedida pela Marcelle, mãe da Lara

RESPIRO NO CAIS DO PORTO ATÉ A PRÓXIMA MARÉ...

O mar me devolve à areia. Espero que a viagem nesse barco nós, para investigar a participação do gesto infantil na criação de ações pedagógicas mais sensíveis à vida que pulsa nos corpos, continue reverberando. É importante reconhecer que o movimento das crianças carrega uma energia de transformação. Em cada pequeno corpo, habita uma criança capaz de nos contar sobre uma educação que nasce da história que percorre nosso corpo adulto, docente e sonhador. Ao nos deixarmos afetar pelas crianças, ao permitir que elas nos toquem, experimentamos um aprender a partir dos desenhos dos nossos passos, mas também das marcas que as infâncias vão deixando em nós. Desse lugar, abrimos espaço para uma educação mais intuitiva, que valoriza as experiências e na qual o autoconhecimento brota, para nos contar que não há educação que não passe pelo corpo inteiro.

Uma criança em desenvolvimento precisa de todos os sentidos que a humanizam para aprender. Atitudes autoritárias, hierárquicas e desprovidas de sensibilidade, direcionam as crianças por uma educação que endurece e despotencializa. Abrir-se para acolher os gestos das crianças é desejar que a educação nos aconteça em constantes transformações, que nos ajudem a aproximar o olhar adulto do olhar da infância. Encontrar a criança sem sentir o corpo pesar é possível. Porém, esse caminho só será leve, se o corpo-professor estiver disposto a aprender a voar.

Voar aqui pode parecer utópico, mas como todo voo, estou falando do descolamento de nossos corpos da rigidez, do controle, da educação feita para transmitir conhecimento. Decolar, para ir além desses processos que promovem engessamentos. Dar lugar à potência para criar e sentir a educação a partir de um lugar que tira nossos pés do chão-razão e nos levanta para que possamos ver a escola de uma outra perspectiva.



Aprendendo a voar

Criar em meio ao cinza do concreto, nos ensina que, muitas vezes, os maiores recursos somos nós. Nossos corpos, mentes, nossas emoções e nosso espírito brincante são capazes de romper com o programado e deixar que as infâncias nos contem, que as coisas que existem lá fora são capazes de derrubar não só paredes, mas também o controle, nos convidando a experimentar um tempo mais suspenso, sem tanto cronometrar.

Pouca liberdade dentro das escolas e o professor como o centro do processo de ensino-aprendizagem nos leva a viver uma educação que não considera os saberes da infância. Corpos presos e condicionados. Formação para produção e mercado de trabalho, ignorando a importância do desenvolvimento integral, em uma etapa tão importante como a primeira infância.

Nem sempre é necessário sair do seu lugar de origem para perceber isso. Ao acolher os gestos das crianças e vê-las para além da figura de um aluno, podemos sentir onde elas nos tocam e aguçar os ouvidos para ouvir seu som. Em sensibilidade, o olhar muda. Porque tudo isso move e faz mover nossos muros adultos, levantados pela mesma educação que nos foi aplicada. As crianças nos lembram que nosso espírito é livre e em liberdade, nossa potência para transformar se mostra com mais clareza e o educar começa a existir sem a necessidade de planejar o que vai acontecer a cada passo. Assim, cada educação será de seu tempo e não mais uma única educação para todos os tempos, ignorando a singularidade de cada geração e de cada ser.

Ao observar, fiz o exercício de me afastar. Ao me afastar, entendi sobre a importância de parar de interferir a todo momento no movimento das crianças. Ao parar de interferir a todo momento, vi que temos a chance de deixar o universo infantil acontecer em suas múltiplas linguagens e em sua forma mais plena. Plena, porque espontânea. Espontânea, porque essa é a natureza da criança.

As experiências podem ser consideradas significativas quando somos atravessados e transformados em algum grau por elas. Quando transformados, voltar se torna uma impossibilidade e o seguir, uma expansão nem sempre fácil, mas necessária. Desconstruir muitas vezes dói, mas a disponibilidade para o viver aberto às infinitas possibilidades liberta.

As professoras me mostraram que cada pele riscada terá desenhos únicos que contam sua história. Nos juntamos para trocar nossas experiências e sensações e descobrimos uma pedagogia viva, capaz de nos encantar, desconcertar, intrigar, desafiar

e transformar. Nossas conversas me ajudaram a entender que nossas vivências são únicas, mas se encontram no desejo de que possamos ter uma educação mais aberta aos saberes da infância. O gesto da criança tem o poder de sensibilizar nossas práticas, mas precisamos estar dispostos a deixar o mundo da criança entrar, em um espaço planejado por adultos. Quando abrimos essas brechas, essas pequenas fissuras em nossas resistências, a criança tem o seu direito à infância respeitado e pode ser sujeito de seu próprio caminhar. O acompanhar, sem direcionar a cada instante, liberta também a criança. Que essa consciência se firme no compromisso de não tornar mais nenhuma criança invisível.

“Ninguém nasce para fazer vestibular. A gente nasceu para ser gente, para se expressar em plenitude, liberdade e inteireza com todos os talentos que o ser humano tem” (HORTÉLIO, 2014).⁸

A partir daqui, podemos escolher o caminho mais trilhado que é o do *Eu sei o que fazer e eu mando em você*, ou, aceitarmos o convite para caminhar sobre algo novo junto com a criança, lembrando que as experiências de cada educador e de cada criança, sinalizam o caminho para encontrar muitas das respostas que procuramos.

Cada criança, cada grupo de alunos, cada filho, nos convida a pensar um dos diversos caminhos possíveis para o ato de educar. A linguagem considerada “certa” *versus* a que pode ser criada na relação com o outro. Deixar que a criança nos ajude a descobrir uma nova linguagem, na qual possamos conversar a partir de uma horizontalidade que permita que todos existam.

Sei que os caminhos que escolho não são os mais retos e quando me dou conta, geralmente estou na contramão da correnteza que insiste em nos levar para um lugar de ausência, inércia e reprodução. A linha reta me serviria muito bem de onde eu vim, mas me sinto transformada pelas experiências que vivi. Nunca sabemos de fato onde conseguiremos chegar. E, em meio as minhas inúmeras contradições, só sei que enquanto o coração bater é tempo de seguir, escolhendo se vamos em linhas retas ou em curvas.

Precisei estar dentro de universos diferentes do meu, para poder me enxergar por outros ângulos e aprender a dar passos difíceis de desconstrução, diante da formação que recebi. Eu não era educadora porque estava diante de pessoas que vinham aprender

⁸ Fala de Lydia Hortélio - minuto 23 – filme Tarja Branca/ 2014

comigo. Fui me tornando educadora à medida que passei a entender que ao encontrar, o convite era para construir junto. Todos, com diploma ou não, trazem dentro de si conhecimentos que tornam o caminho possível e único.

Meu desejo é que essa pesquisa seja um convite para viver uma educação menos opressora e silenciadora. A proposta de deixar a criança nos mostrar o caminho para construir a partir da sua curiosidade é uma aposta e um acreditar forte que o gesto da criança é um dos elementos sensibilizadores do nosso olhar adulto para a educação.

A partir de rodas de conversa, atividades não dirigidas e do nosso olhar voltado para a potência da criança, a responsabilidade fica mais leve porque compartilhada e as experiências mais ricas porque democráticas e empoderadoras.

Aprender, para mim, foi muito mais significativo quando eu pude viver esses aprendizados em mim. Um olhar mais empático e amoroso, a partir de relações pautadas no afeto e na espontaneidade dos gestos é algo que uma criança pode ensinar muito bem.

Pensamos ter todos os recursos que precisamos para ensinar uma criança, apenas porque somos adultos. Porém, experimentar a vida dentro e fora da escola a partir dos olhos de uma criança é transformador. É como ler Manoel de Barros e perceber que a sutileza do mundo está em um lugar que só se chega a partir da criança, da natureza e da poesia.

André Bochetti, professor convidado da disciplina do Mestrado: Temas Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias, falou sobre a pesquisa que transforma. Aquela na qual nos jogamos e saímos diferentes. Aquela onde o novo brota porque algo aconteceu com o pesquisador durante o processo. Algo espontâneo, que ele mesmo não sabe explicar como aconteceu, mas que de repente percebe que está lá. Esse ensinar algo que não se programou e esse susto de no ato de ensinar se perceber aprendendo. O bom é pensar que pode ser assim, ao lado das crianças.

Sandra Benites, de cultura indígena, também convidada da mesma disciplina, falou sobre como a escola não nos dá a possibilidade de escutar com o coração. E isso me inspirou a tentar encontrar o coração dentro da escola.

Aprender pela pele é sentir e ouvir o que me atravessa quando estou em contato com o outro. E se me conecto em inteireza com esse outro mundo que se apresenta diante

de mim, me sinto como se voltássemos a ser uma aldeia, onde o que um faz, reverbera em todos os outros.

Se podemos sentir o poder da aldeia em nós, somos aldeia onde quer que estejamos. Como participantes de uma aldeia, damos as mãos, vamos e vibramos juntos. Sabemos que uma aldeia existe, quando conseguimos encontrar o ponto que nos iguala em meio às nossas diferenças. Construir a partir desse ponto é respeitar os passos de todos os pés e os gestos de todas as mãos. É respeitar a trajetória que nos trouxe até aqui, porque entendemos que podemos ter vindo de pontos de partida diferentes, mas quando nos encontramos e nos reconhecemos humanos, torcemos para que cada um chegue no lugar onde seu coração está. Uma relação professor-aluno com a energia de uma aldeia sentipensante, abre a roda e faz com que todos se sintam bem-vindos e não tem como não ver algo bonito surgir desse lugar. Afinal, se não há razão desacompanhada de uma emoção, não há ser humano que não possa ser transformado por uma experiência que lhe toque fundo e lhe marque para sempre.

“Me gusta la gente sentipensante, que no separa la razón del corazón.

Que siente y piensa a la vez.

Sin divorciar la cabeza del cuerpo, ni la emoción de la razón”

(Eduardo Galeano)

Silenciados não somos. Aprisionados não criamos. Isolados não construímos. E, apesar do que nos intoxica, é preciso proteger o que há de bom dentro de cada um de nós. A pureza que nos torna seres amorosamente brincantes e a esperança que nos faz resistir com a alma leve e o corpo transbordado de afeto. Um ser brincante “se permite tudo. Ele tem o corpo como ofício dessa alegria” (FREIRE, 2014)⁹.

⁹ Fala de Marcelino Freire – 52’23” – filme Tarja Branca/ 2014

Para que o seguir seja poético: Desembaçar os olhos e deixar-se afetar pelos sentidos

A vida nos atravessando a cada dia... Rotina engessada, porque gente amarrada

Olhos curiosos descobrem possibilidades sensíveis de aprender com o que não se espera

Interiorização dos gestos infantis e expansão da docência em muitas direções

Frações de segundo onde me abro para receber o desejo de uma criança

Esse instante de presença que me transforma...

Acima de mim o céu e não um teto de concreto

A força da natureza me liberta e eu aproveito porque inteira

Me sinto parte e não à parte dos “moveres” das primeiras idades

Como seres perfurados, com canais abertos para dar e receber

É preciso deixar-se penetrar pelos “pequenos” seres a nossa volta

Estresse e tensão se encontram na falta de sintonia

Se sou com as crianças, criamos outras poéticas para além da vigilância e o aprender se torna leve

Pessoas velozes não conseguem sentir o vento

Se sou insensível a ele, também não sou capaz de sentir meu corpo grande vibrar diante dos pequenos corpos

Vivemos conjugados com os elementos da natureza só pelo fato de respirar

Se posso sentir o sol, sei que a luz vem para acalmar a incerteza de tudo que faço...

São apenas crianças! Como saber o que vai acontecer?

Soltar o resultar e confiar na potência do gesto infantil

No que naturalmente se pode aprender a partir do acolher e observar

Cada espírito que vem é sempre uma oxigenação (renovação) do conhecimento que já existe

Deixemos que as crianças nos ensinem a (re)nascem e transcender em pele, poro e arrepio!

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Marcia; AZAMBUJA, Guacira; BENETTI, Geórgia; VIEIRA, Marcos. **A potencialidade da corporeidade na escola: possibilidade de transformação das práticas educativas à potencialidade.** Revista Vidya v.38, Julho/Dezembro, 2002.

ALVES, Rubem. **Aprendendo a ser.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ykTVjILFyI&list=PLy4kvXfGETGRO2InlBpIXFSysOPp1LzP8> 30 de março de 2010 Acesso: 26/09/2020

ARANTES, Esther. **Escutar.** In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Marian Livia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: Um abecedário.** Porto Alegre: Sulinas, 2012 (p. 91-94).

ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas – Trajetórias de Alunos e Mestres.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2019a.

ARROYO, Miguel. **Vidas Ameaçadas – Exigências-Respostas Éticas da Educação e da Docência.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2019b.

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2014.

ARROYO, Miguel. **Currículo, Território em disputa – 5ª edição.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto (Orgs). **Corpo Infância: Exercícios tensos de ser criança – Por outras pedagogias dos corpos.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2012.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação – Rumo à sociedade aprendente.** Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BARBOSA, Maria Carmem. **Por Amor e por força – Rotinas na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas: As infâncias de Manoel de Barros.** São Paulo: Planeta, 2008.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa.** São Paulo: Leya, 2011.

BARROS, Maria Isabel. **O Desemparedamento da Infância – A escola como lugar de encontro com a natureza.** Rio de Janeiro: Instituto Alana/Projeto Criança e Natureza, 2018.

BARROS, Maria Elizabeth; MORSCHEL, Aline. **Conhecer.** In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Marian Livia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: Um abecedário.** Porto Alegre: Sulinas, 2012 (p. 59-62).

BERLE, Simone; KOHAN, Walter. **Experienciar o pensar, pensar a experiência – notas sobre um coletivo de pesquisa em educação.** In: GUEDES, Adriane; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência – metodologias minúsculas.** Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

- BRANDÃO, Carlos. **O que é Educação? Coleção Primeiros Passos**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BUENO, Marcelo. **No chão da escola: por uma infância que voa**. Cachoeira Paulista/SP:Passarinho, 2018.
- CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra. Ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.
- CARVALHO, Julia; LAZZAROTTO, Gislei. **Afetar**. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Marian Livia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: Um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2012 (p. 23-26).
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- CLARETO, Sônia; DA VEIGA, Ana Lygia. **Uma escrita de muitos ou uma escrita em travessia**. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra. Ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016 (p.31-47).
- COUTO, Mia. **O tradutor de chuvas**. Portugal: Caminho, 2011.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- FERRARO, Giuseppe. **A escola dos sentimentos – da alfabetização das emoções à educação afetiva**. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.
- FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Marian Livia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: Um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Dois ensaios sobre o sujeito e o poder**, 1984. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/sujeitopoder.pdf> Acesso em: 13/05/2021.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética ao desenvolvimento infantil**. Petrópolis/RJ. Editora Vozes: 2000.
- GUEDES, Adriane Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência – metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.
- GUIMARÃES, Áurea. **Vigilância, Punição e Depredação Escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- HERNÁNDEZ, Márcia Maria Strazzacappa. **Curso USP**, julho 2019.
- LARROSA, Jorge. **Tremores – Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê – Sobre o ofício do professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n° 19 p. 20-28, jan. /abr. 2002.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LAZZAROTTO, Gislei. **Experimental**. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Marian Livia; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: Um abecedário*. Porto Alegre: Sulinas, 2012 (p.99 – 102).

LE BRETON, David. **Antropologia dos Sentidos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

LEÃO, Rayane. **Onde jazz meu coração**. Disponível em: <https://www.instagram.com/ondejazzmeucoracao/> Acesso em: 20/05/2021.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MARENDINO, Rosana; NHARY, Tania Marta. **Por uma escola almada – o corpo brincante e a educação para a sensibilidade**. In: GUEDES, Adriane; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). *Pesquisa, alteridade e experiência – metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 1993.

MOTA NETO, J. C. da; STRECK, D. R. **Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia do um pensar pedagógico decolonial**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 78, p. 207-223, nov./dez. 2019.

MONTAGU, Ashley. **TOCAR: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

NARANJO, Claudio. 12/06/2017. **A Educação atual produz zumbis**. Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/claudio-naranjo-educacao-atual-produz-zumbis.html> Acesso em: 27/09/2020.

NÒVOA, António. **Webconferência: Formação de professores em tempos de Pandemia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ef3YQcbERiM> Acesso: 23/06/2020

PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: Nobel, 2008.

PIORSKY, Ghandy. **Brinquedos do Chão: A natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PIORSKY, Ghandy. **Curso: A crianças, os cinco sentidos e a educação**. Junho/julho 2020

PRADO, Guilherme; SIMAS, Vanessa; SOLIGO, Rosaura. **Pesquisa Narrativa em Três Dimensões**. VI CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – Modos de Viver, Narrar e Guardar (6; 2014: Rio de Janeiro, RJ).

RANGEL, Tátia. **Corpo sem Órgãos - experimentações em devir**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2019.m.05382859744>

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen; SOUZA, Rafael (Orgs). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen; SOUZA, Rafael. **Investigar Narrativamente a formação docente: no encontro com o outro, experiências**. *Roteiro*, Joaçaba, v.41, n.1.p. 135-154, jan/abr. 2016. Disponível em: www.editora.unoesc.edu.br

RIBEIRO, Tiago. **Por uma alfabetização sem cartilha: narrativas e experiências compartilhadas no Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da UNIRIO**. Tese de Doutorado. UNIRIO, 2019.

RICKES, Simone; SIMONI, Ana Carolina. **Outrar**. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Marian Livia; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: Um abecedário*. Porto Alegre: Sulinas, 2012 (p.177-180).

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana**. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq – outubro/2015.

SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHAEFER, Katia. **O corpo como vontade de potência (em experiências) na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental**. Brasil. 2015. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2015.

SKLIAR, Carlos. **Elogio à conversa**. In: RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen; SOUZA, Rafael (Orgs). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018 (p. 11-14).

SOUZA, Klédson; SOUZA, José Francisco. **Corpo-próprio: de corpo-objeto à corpo-sujeito em Merleau-Ponty**. *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 8. n. 2 (2017), p. 48-56 ISSN 2236-8612 doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v8i2.32509>

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria – Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

TIRIBA, Léa. **Crianças, Natureza e Educação Infantil**. Tese de Doutorado defendida pela PUC-RIO. Rio de Janeiro: setembro, 2005.

TONUCCI, Francesco. **Con ojos de niño**. Buenos Aires: Losada, 2014.

VEIGA-NETO. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

ZAITEGI, Nélica. **Versión Completa. Educación para la convivencia y resolución de conflictos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nNOdDtwY1uM> Acesso em: 28/03/2021.